



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO

**UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM O TEXTO ARGUMENTATIVO NO ENSINO
FUNDAMENTAL: O USO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS**

João Pessoa

2014

LEANDRO FERREIRA DOS SANTOS

**UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM O TEXTO ARGUMENTATIVO NO ENSINO
FUNDAMENTAL: O USO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre pelo Mestrado Profissional em Linguística e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz

João Pessoa

2014

S237u Santos, Leandro Ferreira dos.

Uma experiência didática com o texto argumentativo no ensino fundamental: o uso dos operadores argumentativos / Leandro Ferreira dos Santos.-- João Pessoa, 2014. 138f.

Orientadora: Mônica Mano Trindade Ferraz

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL

1. Linguística e ensino. 2. Argumentação. 3. Operadores argumentativos. 4. Sequência didática. 5. Artigo de opinião. 6. Relações discursivas.

UFPB/BC

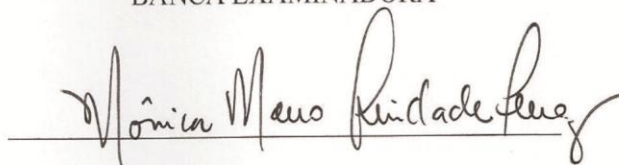
CDU: 801(043)

LEANDRO FERREIRA DOS SANTOS

**UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM O TEXTO ARGUMENTATIVO NO ENSINO
FUNDAMENTAL: O USO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS**

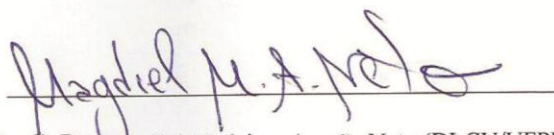
Dissertação avaliada em 30/06/2014

BANCA EXAMINADORA



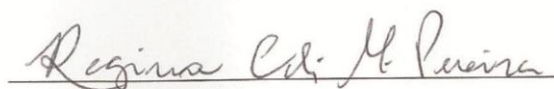
Prof.^a Dr.^a Mônica Mano Trindade Ferraz (MPLE)

(Orientadora)



Prof.^o Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto (DLCV/UFPB)

(Avaliador)



Prof.^a Dr.^a Regina Celi Mendes Pereira (MPLE)

(Avaliadora)

João Pessoa

2014

Dedico este trabalho ao meu saudoso avô materno, Francisco Cruz dos Santos que, incansavelmente, foi o meu alicerce, o meu porto seguro e sustentação naqueles meus primeiros passos quando ainda era uma criança e depois adolescente, quando me serviu de inspiração para muito do que sou hoje como pessoa.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr^a. Mônica Mano Trindade Ferraz, que esteve sempre presente desde a seleção de mestrado e, incansavelmente, contribuiu na etapa de implementação da pesquisa, no seu desenvolvimento e na produção final deste trabalho. Sem a sua ajuda não teria obtido êxito.

Aos professores Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento e Dr^a. Regina Celi Mendes Pereira, que participaram da etapa de qualificação deste trabalho e contribuíram de maneira significativa para o seu aprimoramento. O resultado do que aqui está é, sem dúvida, fruto do que eles sugeriram.

Ao professor Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto (DLCV/UFPB), que prontamente prontificou-se em participar da composição desta banca examinadora. Suas sugestões, certamente, só vieram enriquecer o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Aos meus eternos amigos de jornada e também colegas de profissão no município de João Pessoa, nós que fizemos parte dessa primeira turma do Mestrado Profissionalizante em Linguística e Ensino (MPLE). Não poderia deixar de mencionar alguns deles com quem estive mais diretamente relacionado e agora faço questão de registrar: Adnilda Suely, Iolanda, Erivan Júnior e Gilva Vasconcelos.

Aos meus queridos alunos das turmas do 9º ano A e B do ano de 2013 da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tharcila Barbosa da Franca que foram essenciais para o desenvolvimento dessa pesquisa. A todos eles, minha eterna gratidão.

“Se a linguagem falasse apenas à razão e constituísse, assim, uma ação sobre o entendimento dos homens, então ela seria apenas comunicação. Mas, ao mesmo tempo em que ela depreende o conjunto de relações necessárias da razão, ela também articula o conjunto de relações necessárias da existência. E, nesse sentido, o seu traço fundamental é argumentatividade, a retórica, porque é este traço que a representa, não como marca de diferença entre o homem e a natureza, mas como marca de diferença entre o eu e o outro, entre subjetividades cujo espaço de vida é a história”.

(C. Vogt)

RESUMO

Esta pesquisa fundamenta-se em estudos da Semântica Argumentativa e da Linguística textual. O foco principal recai sobre a argumentação e a organização textual, objetivando observar o uso, bem como o avanço na utilização dos operadores argumentativos que alunos do Ensino Fundamental fizeram em produções textuais do gênero artigo de opinião. Os textos coletados foram produzidos em momentos distintos. No primeiro momento, os alunos produziram livremente, a partir de um tema polêmico que eles próprios selecionaram. Para que a segunda produção fosse encaminhada, foram desenvolvidas propostas de atividades que visavam contribuir para um uso mais proficiente dos operadores argumentativos e, para isso, apoiamo-nos no uso da sequência didática proposta por Dolz, Schneuwly e Noverraz (2010). Como embasamento teórico, nos referenciamos nos autores Ducrot (1987,1988), Espíndola (2003), Garcia (2010), Marcuschi (2008), Koch (2000,2011), Nascimento (2012) e Cabral (2011). A argumentação será tratada a partir dos estudos desenvolvidos pelo francês Oswald Ducrot. A TAL (Teoria da Argumentação na Língua) baseia-se na noção de que a argumentatividade está inserida na própria forma linguística. Nos dois momentos da coleta do corpus, o trabalho foi desenvolvido levando-se em conta a teoria socionteracionista da linguagem, que considera um contexto amplo que envolve a escrita, isto é, um processo do qual faz parte um sujeito que escreve, com uma finalidade, visando estabelecer uma interação com o interlocutor. O trabalho apresentado é fruto de uma pesquisa ação, tendo em vista que sou professor dos alunos cujos textos compuseram o *corpus* para a análise, além de ser também o pesquisador. A análise dos textos produzidos seguiu procedimentos qualitativos. No primeiro momento, procurou-se identificar a ocorrência dos operadores argumentativos nas duas versões do gênero artigo de opinião e a diversidade de formas, objetivando quantificar tanto os operadores quanto as formas. Em um segundo momento, a análise concentrou-se no uso desses operadores visando observar se o emprego dos mesmos atendeu ao propósito comunicativo almejado. Dessa forma, nessa análise, foi possível verificar se houve uma adequada articulação textual no sentido de uma apropriação desses operadores e o seu efetivo emprego, assim como também se as relações discursivas estabelecidas foram construídas para um melhor encaminhamento da argumentatividade.

Palavras-chave: Argumentação, Operadores Argumentativos, Sequência Didática, Artigo de Opinião, Relações Discursivas.

ABSTRACT

This research is based on studies of Argumentative Semantics and textual linguistics. It focus on argumentation and textual organization, aiming to observe the use and advancement in the use of argumentative operators that elementary school students have done in textual productions of the genre opinion piece. The texts collected were produced at different moments. At first, the students produced freely from a controversial topic that was selected by themselves. At the second stage of this observation, the students produced texts under supervision, this activity aimed to contribute to a more efficient use of argumentative operators and, therefore, we base our study in the use of didactic sequence proposed by Dolz, Schneuwly and Noverraz (2010). The theoretical background is based on the authors Ducrot (1987.1988), Garcia (2010), Marcuschi (2008), Koch (2000.2011), Birth (2012) and Cabral (2011). The argument will be treated from the studies developed by French Oswald Ducrot. The TAL (Argumentation Theory in Language) is based on the notion that argumentativity is inserted in the linguistic form. The work presented is the result of a search action, considering that I am a teacher of students whose writings formed the corpus for analysis, as well as being the researcher. During the collection of the *corpus*, the analyze was developed taking into account the socionteracionist theory of language, which takes into consideration the context that involves the written practice, that is, a process which involves the writer, the purpose of the material written, and the interaction with the receiver. This study is the outcome of a particular research, considering that I am the teacher of the students who provided the *corpus* for this analysis, as well as I am the researcher. While analyzing the texts, we followed the qualitative procedures. At first, we tried to identify the occurrence of argumentative operators in two versions of the genre investigated and its diversities of forms, aiming to quantify both operators and forms. In a second moment, this analyze focused on the use of these operators aiming to see if the use thereof has reached the communicative purpose desired. Thus, in this analyze, it was possible to verify whether there was adequate textual articulation in a sense of effective appropriation and use of these operators, and also if the discursive relations established were architected in better argumentative way.

Keywords: argumentation, argumentative operators, didactic sequence, opinion piece, discursive relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 - CONCEPÇÃO DE LÍNGUA, ESCRITA E PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL	15
1.1 Concepções de língua e de escrita	15
1.2 Prática de produção textual: o texto como unidade para o ensino da língua.....	16
1.3 Ensino de gramática e Análise Linguística.....	21
2 – A ARGUMENTAÇÃO E LINGUAGEM	27
2.1 A argumentação na língua: da Retórica à TAL (Teoria da Argumentação na língua).....	27
2.2 Os marcadores argumentativos: operadores e conectores	30
2.3 A argumentação e o texto argumentativo	38
2.4 A argumentação e o ensino	41
2.5 O gênero textual em foco na sequência didática: o artigo de opinião	43
3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
3.1 Os sujeitos da pesquisa	47
3.2 A delimitação do <i>corpus</i>	47
3.3 A sequência didática.....	48
3.4 Etapas de produção e coleta do gênero artigo de opinião.....	50
4 - A ANÁLISE DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO TEXTO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO	54
4.1 A utilização dos operadores argumentativos na primeira versão do artigo de opinião.....	54
4.2 A utilização dos marcadores argumentativos na segunda versão do artigo de opinião.....	58
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE.....	76
ANEXOS.....	82

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa tem passado por mudanças desde o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no final da década de 1990, momento em que a disciplina ganhou um novo direcionamento, diferente daquele que vinha sendo dado até então e que focalizava um ensino instrumental e tecnicista, com ênfase na aprendizagem de regras gramaticais.

O objeto de ensino da disciplina Língua Portuguesa deixa então de se centrar unicamente na língua como sistema abstrato e passa a focalizar a linguagem em suas ocorrências reais e concretas, como processo de interação que se realiza nas práticas sociais, nas quais os interlocutores atuam como sujeitos a partir de sua interação com o outro. Nessa concepção, conforme Bakhtin (1992, p124), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato de formas da língua, nem no psiquismo individual dos falantes”.

Essa é a ideia geral com que Bakhtin constrói o princípio do dialogismo, que fundamenta praticamente todos os estudos atuais da linguagem (ao menos os estudos cujo objeto de discussão é a prática textual), entre os quais merecem destaque os desenvolvidos pelos membros da Escola de Genebra, da qual fazem parte Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e Noverraz, tomados como referência para fundamentar uma parte deste trabalho. Os trabalhos desenvolvidos por esses estudiosos nos ajudam a compreender o redirecionamento que a didática das línguas tomou nas últimas décadas e oferecem subsídios teórico-metodológicos importantes para o trabalho e ensino de língua numa abordagem interacional, considerando o gênero em que se realiza o texto como unidade básica de aprendizagem.

O objetivo geral deste trabalho consiste em observar o uso dos operadores argumentativos na produção do gênero artigo de opinião, a partir de atividades realizadas por alunos do Ensino Fundamental da Escola municipal Tharcilla Barbosa da Franca do município de João Pessoa-PB. Como objetivos específicos, delimitamos: comparar qualitativamente as ocorrências dos operadores argumentativos tanto na primeira versão quanto na segunda versão do gênero artigo de opinião e observar os efeitos de sentido decorrentes da utilização de alguns dos operadores utilizados. Convém destacar que o trabalho foi desenvolvido levando-se em conta a minha vivência como professor da disciplina língua portuguesa em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental. Todo o trabalho desenvolvido partiu do estudo e pesquisa que teve início com a participação no Mestrado Profissionalizante em

Linguística e Ensino (MPLE) desenvolvido no âmbito da Universidade Federal da Paraíba. Certamente todo o encaminhamento que desenvolvi junto aos meus alunos foi fruto dessa parceria que houve entre o mestrado e a minha prática docente.

A produção do gênero artigo de opinião deu-se em dois momentos distintos. No primeiro deles, os alunos escreveram livremente sobre um tema polêmico. Depois de coletados os textos, foi possível verificar problemas no que se refere à construção da argumentatividade, gerados em parte pela não utilização dos operadores e, em outra, por uma utilização indevida, uma vez que não atendiam ao propósito pretendido pelo aluno. Considerando-se as necessidades dos alunos no que se refere a um uso proficiente dos operadores argumentativos, foram pensadas algumas atividades que pudessem contribuir para uma utilização mais eficaz desses recursos linguísticos.

Faz-se importante ressaltar que o uso dos operadores argumentativos nos textos produzidos não se mostra como condição suficiente para que os textos produzidos atendam aos requisitos da produção textual. Mesmo considerando que a argumentação já está inserida na própria forma linguística, acreditamos que outros fatores são importantes para um texto bem fundamentado.

Convém ressaltar que os estudos desenvolvidos em torno da linguagem sobre a argumentação levam em conta a argumentação retórica e a argumentação segundo a Teoria da Argumentação na Língua (TAL). Ambas tem perspectivas diferentes.

Os estudos retóricos preocupam-se em descrever quais as estratégias argumentativas que um orador deve escolher para fundamentar sua interação, ou seja, que fatos, exemplos, valores, presunções, crenças e outros elementos devem ser utilizados e de que maneira, para que se obtenha a adesão de um auditório ao que se lhe é apresentado. A argumentação nos estudos retóricos se limita ao nível factual, ou seja, é exterior à língua.

Para Ducrot e colaboradores, a argumentação está marcada na própria língua e se opõe à concepção retórica.

A argumentação segundo a TAL passa a ser compreendida como uma característica intrínseca à linguagem e à interação humana que permite que o falante, ao utilizar a língua, imprima suas intenções e sua subjetividade. Essas intenções não só ficam registradas no material linguístico que selecionamos enquanto interagimos, como já estão contidas na própria estrutura da língua.

Dizer que a própria estrutura da língua já possui marcas argumentativas justifica-se pelo fato de que, de acordo com as intenções do falante, ele seleciona determinadas estruturas linguísticas, uma vez que estas e não outras são úteis para o que ele pretende dizer ou fazer.

Levando-se em conta a importância dos operadores argumentativos nos textos, o presente trabalho se filia à Teoria da Argumentação na Língua (TAL), desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean Claude Ascomble, que ficou conhecida e desenvolvida por volta dos anos 70. Essa teoria baseia-se na noção de argumentação a partir de uma perspectiva imanente à língua, ou seja, inerente e inserida na própria forma linguística. Dessa forma, qualquer enunciação possui uma função argumentativa e, por diversas vezes, são evidenciadas em enunciados pelos operadores argumentativos, termo criado por Ducrot. Sendo a linguagem essencialmente argumentativa, percebe-se que, por meio dela, o homem se expressa e interage com o outro. Para agir sobre o outro de modo persuasivo, o produtor textual necessita não somente dar sua opinião, como também defender seu ponto de vista, justificar seus posicionamentos.

O trabalho apresentado é fruto de uma pesquisa ação, tendo em vista que sou professor dos alunos que forneceram o *corpus* para a análise, além de ser também o pesquisador.

Estruturamos este trabalho em cinco capítulos. No primeiro, situamos o referencial teórico a respeito das concepções de língua, escrita, Análise Linguística e prática de produção textual.

No segundo capítulo, explicitamos como se constrói o processo de argumentação na língua. Desse modo, na tarefa de argumentar, consideram-se tanto as contribuições advindas da Retórica como da Teoria da Argumentação na Língua (TAL) proposta do Ducrot. Em relação ao trabalho com o ensino e a argumentação, foram apresentadas algumas contribuições no sentido de promover um ensino-aprendizado que leve em conta que a tarefa de argumentar está presente de forma permanente em todas as nossas atividades que envolvam a comunicação humana. Ainda, neste capítulo, destacamos a contribuição dos gêneros textuais como instrumentos de trabalho na língua. Nesse sentido, deu-se destaque em específico ao gênero textual artigo de opinião, por ser este um gênero essencialmente opinativo em que se faz perceber um trabalho mais apurado com a argumentação.

No terceiro capítulo, apresentamos o contexto onde foi desenvolvida esta pesquisa, bem como os sujeitos nela envolvidos e a delimitação do *corpus* que utilizamos para compor o material a ser analisado.

No quarto capítulo, desenvolvemos uma análise do *corpus* coletado. Assim sendo, os textos produzidos pelos alunos foram analisados em um primeiro momento tomando-se como referência a primeira versão do artigo de opinião e, em um segundo momento, tomando-se como referência a segunda versão.

E por fim, no quinto capítulo, são feitas as considerações finais. Neste momento destacamos as contribuições teóricas e pedagógicas do ensino/aprendizado dos operadores argumentativos e do gênero artigo de opinião que foram oportunizados pelo desenvolvimento da sequência didática.

1- CONCEPÇÃO DE LÍNGUA, ESCRITA E PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Compreender os conceitos de língua é fundamental para que se possa pensar em leitura e escrita de forma mais articulada. As concepções de língua que adotamos influenciam decisivamente no modo como pensamos as demais atividades que envolvem o trabalho com a língua. Dessa forma, consideramos de importância fundamental, apresentarmos as principais concepções que norteiam os estudos linguísticos desde o estruturalismo até a concepção mais atual, que a considera como uma forma de interação.

1.1 Concepções de língua e escrita

Não se pode falar em texto, quer seja no aspecto da leitura, quer seja no aspecto da produção, sem falar antes nas concepções de língua, visto que é a concepção de língua adotada que norteará todo o trabalho realizado em nível de leitura, compreensão e escrita.

Segundo Marcuschi (2008, p.59-60), língua pode ser conceituada sob diferentes perspectivas, a saber:

a) *Língua como forma ou estrutura*: Nesta concepção, a língua é vista como um sistema de regras que defende a autonomia do sistema diante das condições de produção. Esta perspectiva foi inaugurada no século XIX, consolidando-se com os estudos de Saussure e Chomsky. Não se buscam explicações para o fenômeno linguístico, deixando-se de lado o contexto, bem como os aspectos discursivos, sociais e históricos. Nesse sentido, o sujeito é pré determinado pelo sistema, “assujeitado”, caracterizado por uma espécie de “não-consciência”; o texto é o produto da codificação de um emissor, o leitor é um decodificador, receptor passivo, bastando para tanto o conhecimento do código.

b) *Língua como atividade cognitiva*: De acordo com esta visão, a língua é um ato de criação e expressão do pensamento. Desse modo, o sujeito se apropria da língua para expressar o que ele pensa. Daí decorre que o texto é um produto do pensamento do autor, e o leitor é um receptor passivo que capta as mensagens e as intenções do autor. Na linha dessa concepção, de acordo com Koch e Elias (2012), a língua é considerada como um ato de representação/expressão do pensamento a um interlocutor, sem levar em consideração as

experiências e o conhecimento de mundo desse sujeito. O texto é, pois, o produto lógico, resultado desse ato de representação mental do escritor.

c) *Língua como atividade sociointerativa situada*: Tal perspectiva relaciona os aspectos históricos e discursivos. Nesta posição, a língua é tomada como uma atividade sócio-histórica, cognitiva e sociointerativa. Assim, é uma prática sócio interativa de base cognitiva e histórica. Os sujeitos são construtores sociais, ativos que, dialogicamente, constroem-se e são construídos no texto. O texto é o lugar da interação em que se constituem os interlocutores. Assim, o texto não é produto, mas processo, e o leitor é ativo, construtor de sentidos.

A escrita, orientando-se por essa concepção de língua, é um ato de interação em que os sujeitos escritor e leitor são co-participantes e colaboradores. Nesta concepção, o produtor desempenha uma tarefa que vai muito além da (de) codificação. Fatores extralinguísticos são considerados, como a ativação de conhecimentos prévios e a mobilização de estratégias interativas de produção de sentidos. Assim sendo, numa concepção sociointeracionista de linguagem, os participantes do processo interlocutivo são sujeitos ativos que constroem e são construídos no texto. Há lugar para toda uma gama de implícitos, detectáveis quando se tem como pano de fundo o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. Escrever passa a ser visto como um modo de interação entre as pessoas, pois quem escreve o faz sabendo para que e para quem. Ao escrever, o sujeito enuncia seu pensamento, com algum propósito, para si ou para o outro.

Dados os objetivos propostos neste trabalho, cuja temática centra-se na argumentação textual e cuja prática se dá pela produção textual, o seu desenvolvimento será orientado adotando-se a terceira concepção de língua.

1.2 Prática de produção textual: o texto como unidade para o ensino da língua

Segundo a concepção sociointeracionista, a língua tem uma função que vai além de comunicar ou expressar o pensamento. É um lugar de interlocução em que os sujeitos envolvidos agem uns sobre os outros com finalidades diversas: convencer, concordar, discordar, persuadir. Segundo Marcuschi (2008, p.61), “a língua é um sistema de práticas com a qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância”.

Produtores e receptores, na função de interlocutores devem colaborar ao produzirem textos, uma vez que estão enunciando conteúdos e sugerindo sentidos que devem ser construídos, inferidos, determinados mutuamente. Nesse sentido, prossegue o autor “A produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral. Envolve decisões conjuntas. Isso caracteriza de maneira bastante essencial a produção textual como uma atividade sociointerativa” (MARCUSCHI 2008, p.61).

Se passarmos a encarar a produção textual como uma atividade sociointerativa, devemos considerar também que determinados conhecimentos devem fazer parte tanto de quem escreve/produz os textos quanto de quem os lê. De acordo com Koch (2012), esses conhecimentos partilhados por autor/leitor são os seguintes: o conhecimento da língua, o conhecimento de mundo ou enciclopédico e o conhecimento de textos que circulam socialmente.

O *conhecimento da língua* diz respeito ao conhecimento sobre aspectos da ortografia, da gramática e do léxico. Tais conhecimentos se constituem como de fundamental importância, uma vez que, sem a estrutura organizacional da língua, o processo comunicativo não se efetiva.

O *conhecimento de mundo ou enciclopédico*: Constitui-se por tudo aquilo que armazenamos em nossa memória, fruto das experiências que acumulamos. Abrange desde comportamentos e condutas sociais até conhecimentos sistematizados. Enfim, tudo que aprendemos pela prática ou pela vivência em sociedade é válido no momento em que precisamos interagir com diversos textos que circulam socialmente.

Por fim, temos o *conhecimento de textos que circulam socialmente*. De acordo com a perspectiva sociointeracionista, os enunciados/textos são como fios de uma grande rede, que se entrelaçam e estabelecem relações variadas de sentido, conforme destaca Bakhtin/Volochinov ([1929]1999 p.86):

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (BAKHTIN/VOLOCHINOV [1929] 1999, p.86).

Trabalhar orientado pelo texto não significa apenas um modismo ou coisa que o valha. Não se pode imaginar, como pensam alguns, que o trabalho se direcione para um tratamento fragmentado das estruturas que o compõem. É pelo texto, através do texto e também

considerando o seu contexto que a reflexão em torno da língua e dos seus mecanismos deve ser guiada. O que se observa, porém, é que o texto - unidade fundamental do ato interlocutivo - é fragmentado em tarefas escolares com o fim de se explorarem classificações gramaticais, desprezando-se, na maioria das vezes, as características do gênero e sua função comunicativa. Nesse caso, o texto é apenas pretexto de um ensino avançado.

Segundo Marcuschi (2008, p.51-52), o texto permite que sejam trabalhados diversos assuntos, dentre eles destacam-se os seguintes: a) as questões do desenvolvimento histórico da língua; b) a língua em seu funcionamento autêntico e não simulado; c) as relações entre as diversas variantes linguísticas; d) as relações entre fala e escrita no uso real da língua; e) a organização fonológica da língua; f) os problemas morfológicos em seus vários níveis; g) o funcionamento e a definição de categorias gramaticais; h) os padrões e a organização de estruturas sintáticas; i) a organização do léxico e a exploração do vocabulário; j) o funcionamento dos processos semânticos da língua; k) a organização das intenções e os processos pragmáticos; l) as estratégias de redação e questões de estilo; m) a progressão temática e a organização tópica; n) a questão da leitura e da compreensão; o) o treinamento do raciocínio e da argumentação; p) o estudo dos gêneros textuais; q) o treinamento da ampliação, redução e resumo de texto; r) o estudo da pontuação e da ortografia; s) os problemas residuais da alfabetização.

Numa visão interacionista de língua e de escrita, supõe-se envolvimento entre sujeitos. Assim, alguém produzirá algo para ser dito a outro alguém, com quem pretende interagir, com vista a algum objetivo. As propostas de produção textual precisam ser situadas, ou seja, precisam evidenciar para o aluno os objetivos da produção, o interlocutor (real ou implícito), o gênero a ser produzido e o modo como o texto vai circular socialmente (definição do meio e do suporte). Sem esses elementos definidos previamente, fica muito difícil para o aluno fazer as escolhas linguísticas adequadas e dar funcionalidade ao texto que produz.

Criar um contexto de produção de texto em que existe o outro, o tu a quem todo texto deve adequar-se é fundamental. Como lembra Volochinov ([1929] 1999, p.113):

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (VOLOCHINOV, [1929] 1999, p.113).

Dessa forma, o professor, segundo Antunes (2003, p.47), "não pode sob nenhum pretexto, insistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário; sem referência, portanto, para se decidir sobre o que vai ser escrito".

Assim sendo, a tradicional redação escolar, com características próprias e visão de língua como código ou instrumento, constitui-se como uma prática escolar que desconsidera a língua como processo dinâmico e interativo de existência.

O processo de produção textual deve ser pautado numa visão de língua como processo de construção interativa de sujeitos que mutuamente se comunicam. A atividade de escrita passa a ser encarada como uma atividade interativa de expressão, de manifestação verbal das ideias que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. Deve-se, portanto, ter a consciência de que um texto não é simplesmente um produto acabado, cristalizado, mas sim é um processo de construção em que cooperam autor e leitor. Dessa forma, todo leitor é também co-autor porque realiza não só a decodificação do material linguístico em si, mas ao longo da leitura vai desenvolvendo diversas estratégias colaborativas no sentido de atingir a compreensão do que lê.

Acredita-se, então, que a tarefa de escrever e de ler são compartilhadas, sendo a produção o momento singular de escolhas por parte de quem escreve. O texto, então, é visto como uma unidade comunicativa que obedece a um conjunto de critérios de textualidade.

Considerando o texto como uma unidade de sentido e não um amontoado de frases, é preciso que nas produções textuais sejam seguidos alguns critérios que garantam a textualidade. Dessa forma, para que uma sequência seja interpretada como um texto há alguns critérios que concorrem para tal. Segundo Beaugrande e Dressler (1981 *apud* Marcuschi 2008, p.99-133), são sete os critérios de textualidade:

Quadro-síntese: Critérios de textualidade

1) Coesão: são os fatores responsáveis pelas relações referenciais (retomadas e antecipações textuais) e pelas relações sequenciais (repetições estruturais e uso de conectivos, por exemplo).
2) Coerência: é a continuidade de sentido no texto que se estabelece de maneira global, levando-se em conta um conjunto de fatores de ordem linguística e não linguística.
3) Intencionalidade: é centrada no produtor do texto. Considera a intenção do autor como fator relevante para a textualização. Diz respeito à questão “O que o autor

pretende?”
4) Aceitabilidade: diz respeito à atitude do receptor do texto, que o recebe como uma configuração aceitável, tendo-o como coerente e coeso, interpretável e significativo.
5) Situacionalidade: todo sentido é um sentido situado, ou seja, há relações entre o texto sua situacionalidade ou inserção cultural, social, histórica e cognitiva. Nas palavras de Marcuschi (2008:128-29): “A situacionalidade pode ser vista como um critério de adequação textual”.
6) Intertextualidade: é a relação que se estabelece entre textos, que fazem parte ou não do repertório de leituras do leitor.
7) Informatividade: refere-se à distribuição da informação no texto e ao grau de previsibilidade com que ela é veiculada. Um texto será menos informativo quanto mais informação previsível ou redundante apresentar.

Tais critérios, na visão de Marcuschi, não podem ser tomados como absolutos, por isso o autor argumenta que:

Primeiro... não se podem dividir os aspectos da textualidade de forma tão categórica. Alguns dos critérios são redundantes e se recobrem. Segundo, porque não se deve concentrar a visão de texto na primazia do código nem na primazia da forma. Terceiro, porque não se pode ver nesses critérios algo assim como princípios de boa formação textual, pois isto seria equivocado, já que um texto não se pauta pela boa formação tal como a frase, por exemplo (MARCUSCHI, 2008, p.93).

Além dos critérios estabelecidos anteriormente como condição importante, mas não exclusiva da textualidade, Koch (2011, p.21) admite que se a argumentatividade está inserida no próprio uso da linguagem também é verdade “que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão, mas, principalmente, de coerência textual”.

Considerando a ideia de que escrever não é uma tarefa das mais fáceis, admitimos a certeza de que ela é algo aprendido. Pode ser mais fácil ou mais difícil para uns dependendo de sua relação com os gêneros textuais e com a interação. Produzir texto passa, necessariamente, por diversos encaminhamentos que vão desde o conhecimento de aspectos linguísticos, até o conhecimento do gênero e de aspectos ligados à coesão e à coerência textual. A tarefa da escola tem se constituído, muitas vezes, em ensinar apenas o

conhecimento linguístico, como se esse fosse condição única para uma garantia de um bom uso da língua.

Conforme assinala Antunes (2003), o que se faz necessário no ensino da língua é que se leve em conta não apenas o estritamente classificatório, isto é, um ensino que se baseia em nomenclaturas e desconsidera a funcionalidade dos aspectos linguísticos. Não se faz necessário saber o nome das coisas para se compreender a sua função. Dessa forma, torna-se fundamental uma prática que considere a reflexão em torno dos aspectos linguísticos como condição essencial para se conhecer a funcionalidade dos mecanismos da língua.

Conhecer esses mecanismos da língua vai além de sua classificação e passa pelo uso consciente que se faz de cada escolha que adotamos, por exemplo, na elaboração de um texto. Compreender que a colocação de uma palavra ao invés de outra em uma dada frase implica diferentes sentidos é só um exemplo de um uso reflexivo da linguagem. Assim, faz-se importante a prática da Análise Linguística (AL), assunto desenvolvido na seção a seguir.

1.3 Ensino de gramática e Análise Linguística

Um aspecto que chama a atenção quando pensamos no ensino da língua é o fato de que a concepção de linguagem norteará e definirá a prática pedagógica do professor. Dessa forma, tomando por base os PCN, o trabalho com a língua pode ser encaminhado sob duas perspectivas, a saber: atividades de metalinguagem e atividades de epilinguagem.

As atividades metalinguísticas estão voltadas para as questões em torno da gramática, um trabalho que explora a classificação, ou seja, um estudo voltado para o próprio sistema. Já as atividades epilinguísticas são voltadas para o uso, no próprio interior da atividade linguística em que se realiza. Segundo, ainda, os PCN (1997, p.31), as situações de ensino da língua devem centrar-se na atividade epilinguística, na reflexão sobre a língua em situações de produção e interpretação.

Mais precisamente com Geraldi (2002), temos uma reorientação do ensino de língua materna, com base na leitura e escrita de textos como práticas sociais significativas e integradas. Vem-se questionando a validade de um ensino centrado na gramática e pela gramática, o que faz emergir a proposta de análise linguística (AL), em vez de aulas de

gramática, tendo como princípio a ampliação da competência comunicativa discursiva dos indivíduos em fase de escolarização.

A prática de Análise Linguística, exposta por Mendonça (2006), é bastante viável quando se leva em consideração as concepções de linguagem e de ensino de língua. De acordo com Geraldi (2002, p.45), “uma diferente concepção de linguagem constrói não só uma nova metodologia, mas principalmente um ‘novo conteúdo’ de ensino.” É preciso adotar uma concepção de língua amparada pelo pensamento bakhtiniano, compreendendo-a como um fenômeno histórico, social e ideológico por meio do qual se constroem sentidos e significações.

Conforme Geraldi (2002, p.46), para o ensino fundamental - 1º e 2º ciclos - “as atividades devem girar em torno do ensino da língua e apenas subsidiariamente se deverá apelar para a metalinguagem (...)”.

Desenvolver a Análise Linguística significa uma possibilidade de superar um ensino que sempre esteve pautado em atividades de metalinguagem como meio e fim em si mesmo. O estudo da língua não pode ser confundido com um ensino de gramática (metalinguagem), como algo absoluto, uma vez que o conhecimento isolado desta, fora de situações de uso não é condição suficiente para favorecer um desempenho discursivo melhor por parte do sujeito leitor e/ou escritor.

Vejamos como Franchi (1991, p. 36-37), trata deste assunto:

Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações (FRANCHI, 1991, pp.36-37).

Como se percebe, a atividade epilinguística possibilita o trabalho com a linguagem numa perspectiva mais prática, mais consciente das escolhas e possibilidades que a língua nos oferece.

Travaglia (2001), por sua vez, corrobora expondo que:

[...] A atividade epilinguística pode ser ou não consciente. Se pensamos que inconsciente se relaciona com a gramática de uso, se consciente parece se aproximar mais da gramática reflexiva, todavia, de qualquer forma há uma reflexão sobre os elementos da língua e de seu uso relacionada ao processo de interação comunicativa (TRAVAGLIA, 2001, p.34).

Corroborando a discussão que vem sendo feita sobre a atividade epilinguística, passamos a apresentar a seguir uma visão comparativa entre o ensino tradicional e a prática de Análise Linguística. Como se perceberá, a Análise Linguística diferencia-se em diversos aspectos do ensino tradicional de gramática, conforme podemos visualizar no quadro abaixo elaborado por Mendonça (2006 p.207) e apresentado neste trabalho com alterações que julgamos pertinente serem realizadas.

Quadro: Diferenças entre ensino de gramática e análise linguística (Com alterações)

Ensino tradicional	Prática de análise linguística
Concepção de língua como sistema, estrutura inflexível e invariável.	Concepção de língua como ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes.
Fragmentação entre os eixos de ensino: as aulas de gramática não se relacionam necessariamente com as de leitura e de produção textual.	Integração entre os eixos de ensino: a análise linguística é ferramenta para a leitura e a produção de textos.
Metodologia transmissiva, baseada na exposição dedutiva (do geral para o particular, isto é, das regras para o exemplo) mais treinamento.	Metodologia reflexiva, baseada na indução (observação dos casos particulares para a conclusão das regularidades/regras).
Privilégio das habilidades metalinguísticas.	Trabalho paralelo com habilidades metalinguísticas e epilinguísticas.
Ênfase nos conteúdos gramaticais como objeto de ensino, abordado isoladamente e em sequência mais ou menos fixa.	Ênfase nos usos como objetos de ensino (habilidades de leitura e escrita), que remetem a vários outros objetos de ensino (estruturais, textuais, discursivos, normativos), apresentados e retomados sempre que necessário.
Centralidade na norma padrão.	Centralidade nos efeitos de sentido.
Ausência de relação com as especificidades dos gêneros, uma vez que a análise é mais de cunho estrutural e, quando normativa, desconsidera o funcionamento desses gêneros nos contextos de interação verbal.	Fusão com o trabalho com os gêneros, à medida que contempla justamente a intersecção das condições de produção dos textos e as escolhas linguísticas.
Unidades privilegiadas: a palavra, a frase e o período.	Unidade privilegiada: o texto
Preferência pelos exercícios estruturais, de identificação e classificação de unidades/funções morfossintáticas e correção normativa.	Preferência por questões abertas e atividades de pesquisa, que exigem comparação e reflexão sobre adequação e efeitos de sentido.

Duas das características apresentadas no quadro referem-se às atividades de metalinguagem e de epilinguagem e a respeito delas é importante que se façam algumas considerações. O trabalho com o ensino da Língua Portuguesa tem de ser feito incorporando as duas perspectivas: a da metalinguagem e a da epilinguagem. As atividades metalinguísticas estão voltadas para as questões em torno da gramática, um trabalho que explora a classificação, ou seja, um estudo voltado para o próprio sistema. Já as atividades epilinguísticas são voltadas para o uso, no próprio interior da atividade linguística em que se realiza. De acordo com a atividade desenvolvida, percebe-se que o professor adota uma concepção de língua que pode estar voltada para língua enquanto sistema, estrutura inflexível e invariável ou língua enquanto ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes.

Um aspecto que chama a atenção quando pensamos no ensino da língua é o fato de que as concepções de linguagem e de ensino do professor nortearão e definirão a prática pedagógica e a metodologia por ele empregada.

Assim sendo, quando desenvolvemos nesta pesquisa um trabalho com o uso dos operadores argumentativos passamos a concebê-los segundo a perspectiva da semântica argumentativa que os considera como elementos de grande relevância porque são exatamente eles os responsáveis por imprimir e evidenciar em nível linguístico a força argumentativa dos enunciados. Desta forma, trata-los pensando-se tão somente numa visão classificatória como conjunções ou apenas como elementos relacionais – conectivos – como define a gramática tradicional seria adotar uma postura meramente metalinguística. Nosso trabalho pretendeu desenvolver um estudo levando em conta o valor semântico argumentativo desses elementos linguísticos.

A partir da visão dos teóricos sobre as atividades de epilinguagem e metalinguagem, percebe-se que no trabalho com a língua não se trata de fazer uma opção pela epilinguagem, excluindo a metalinguagem. As duas atividades são importantes dependendo do propósito que se tem ao trabalhar a língua. Não se pode, no entanto, dar primazia às atividades de metalinguagem porque a língua existe para que possamos usá-la nas diferentes atividades comunicativas, fazendo desse uso o melhor proveito que se possa, tendo em vista as nossas intenções.

Nas atividades de interação com o outro, não há necessidade de classificar o que se usa. A necessidade imperiosa que se coloca é desenvolver a reflexão do uso que se faz, dos sentidos que uma escolha pode acarretar ao invés de outra. Enfim, atividades que

desenvolvam diferentes possibilidades de uso da língua e dos mecanismos empregados para tal.

Nesse sentido, a prática da Análise Linguística é de fundamental importância para que se tenha consciência de que cada escolha realizada não se faz ao acaso e revela diferentes intenções. Conforme diz Nascimento (2012, p.71): “[...] o ensino da análise linguística, ou seja, das estruturas da língua e do seu funcionamento, perpassa pela argumentação porque, como assinala Ducrot (1988), a argumentatividade já está inscrita na própria estrutura da língua”.

Assim sendo, nas tarefas que envolvem a produção textual, será importante que o aluno tenha uma consciência reflexiva sobre os melhores usos que pode fazer dos mecanismos que a língua lhe oferece. As atividades epilinguísticas e metalinguísticas podem favorecer essa apropriação dos recursos da língua.

A esse respeito, Neves, na apresentação de seu livro, assim se coloca sobre a necessidade de uma gramática escolar que:

Não apenas contemple uma taxonomia e um elenco de funções, mas que, legitimada pela sua relação com o uso efetivo da língua, dê conta dos usos correntes atuais não perdendo de vista o natural e eficiente convívio de variantes no uso linguístico, incluída aí, a norma tradicionalmente considerada padrão (NEVES, 2004, p.11).

A reflexão sobre a língua é fundamental. Segundo os PCN, não basta proporcionar atividades de leitura, escrita e oralidade se esse trabalho não vier acompanhado de uma situação reflexiva sobre a própria língua, sobre os usos que dela se pode fazer, com suas possibilidades e restrições. Nesse sentido, o estudo da língua se coloca num processo de integração das práticas de linguagem e do pensar sobre elas. Isso significa dizer que, quando encontramos nos PCN a ideia de que o ensino de Língua Portuguesa visa ao desenvolvimento de competências discursivas e linguísticas, isso deve se dar em um processo de uso e reflexão sobre o uso.

Saber usar a língua para cumprir o objetivo pretendido é fundamental na atividade de comunicação. Dessa forma, se o uso da língua é feito com alguma intenção, independentemente do gênero textual, cumpre assinalar que em toda intenção pretendida subjaz uma ideologia e uma tomada de posição enunciativa, fazendo-se presente a argumentatividade. Conhecer, então, os mecanismos da língua que favorecem uma maior força argumentativa ao que pretendemos expor é de extrema valia para qualquer atividade em que necessitamos interagir com o outro. Como bem aponta Nascimento (2012 p.71-72): “No

ensino da análise linguística (...) é possível correlacionar as estruturas da língua, a partir do seu uso, com determinadas funções semântico-argumentativas”. Podemos fazer com que os alunos reflitam sobre os efeitos de sentido gerados a partir de escolhas linguísticas.

Sobre a questão da argumentatividade e do seu ensino, apresentaremos no próximo capítulo, algumas contribuições teóricas advindas de estudiosos do assunto.

2. A ARGUMENTAÇÃO E LINGUAGEM

Neste capítulo serão apresentadas as características da argumentação e do texto dissertativo argumentativo tendo como embasamento teórico os autores Ducrot (1987,1988), Espíndola (2003), Garcia (2010), Marcuschi (2008), Koch (2000,2011), Nascimento (2012) e Cabral (2011).

Na produção escrita de um texto, ou mesmo na fala que produzimos, usamos um discurso intencionado que visa estabelecer com o interlocutor um contrato, na tentativa de fazer com que o outro compartilhe de nossa opinião. Nesse sentido, a argumentação representa na interação uma influência exercida sobre os interlocutores. Para tanto, buscamos argumentos adequados àquilo que pretendemos alcançar ou atingir, bem como os recursos linguísticos adequados à organização desses argumentos.

2.1 A argumentação na língua: da Retórica a TAL (Teoria da Argumentação na Língua)

Os seres humanos, sempre que interagem, fazem-no com algum propósito. Todas as ações que visam à comunicação utilizam a linguagem com vistas a um fim específico, estando a argumentação presente em qualquer atividade de interação, em qualquer gênero, seja ele oral, sinalizado ou escrito. Como destaca Nascimento (2012, p.70): “... a argumentação é inerente à linguagem humana, porque sempre que interagimos temos intenções e essas intenções se materializam nos enunciados que produzimos. Assim, todos os gêneros, em maior ou menor grau, são argumentativos”.

A argumentação será tratada a partir dos estudos desenvolvidos pelo francês Oswald Ducrot. Seus estudos tiveram início na década de 70 do século XX e defendem um conceito de argumentação com base no estritamente linguístico. A argumentação linguística defendida parte do pressuposto básico de que os encadeamentos argumentativos possíveis estão ligados à estrutura linguística dos enunciados. Antes, porém, dessa perspectiva de argumentação baseada no linguístico em si, a argumentação já era tratada na perspectiva da Retórica, uma técnica consciente de organização do discurso.

Percebe-se, então, a partir de uma observação histórica, que os estudos sobre a argumentação não são recentes. Remontam desde os tempos da Grécia Antiga quando já existia uma preocupação com a expressão verbal, uma vez que, vivendo em um regime

democrático, os gregos precisavam expor suas ideias para serem ou não aceitas. Dessa forma, disciplinas como a retórica, a gramática e a eloquência foram criadas com o intuito de ensinar a habilidade com o uso das palavras.

A argumentação defendida por Ducrot e seus seguidores tem um sentido diferente da argumentação dos estudos retóricos. Enquanto para a Retórica a argumentação encontra-se na organização dos discursos e na escolha dos argumentos, para a TAL a argumentação encontra-se inserida na própria continuidade discursiva. A tese ducrotiana concebe a argumentação como um processo imanente à língua. Convém destacar também que, para o referido autor, a língua é estrutura. Ao tratar dos operadores argumentativos como elementos que contribuem para o processo de argumentação, é preciso considerar que é estruturalmente que se deve concebê-los pela ótica de Ducrot, diferentemente da concepção de Bakhtin que considera a língua como um processo dialógico.

Neste trabalho, apoiamo-nos na concepção de língua como processo dialógico e de interação e, ao tratarmos dos operadores argumentativos, baseamo-nos nessa mesma concepção de língua, uma vez que é no uso propriamente dito que se revelam as diferentes intenções pretendidas. Não analisaremos o uso dos operadores meramente como elementos estruturais, mas sim como elementos que são responsáveis por estabelecer diferentes relações discursivas no uso que se faz da linguagem.

Na tarefa da argumentação, é preciso considerar que, além de uma organização do próprio discurso, selecionando e combinando os melhores argumentos, faz-se importante também considerar que toda ação argumentativa depende de escolhas linguísticas para se mostrar eficiente. Tais escolhas vão se materializar em nível linguístico propriamente dito. Dessa forma, o uso de um adjetivo, de um advérbio para reforçar um argumento ou mesmo de um conector para articular partes do texto cumprem importante função para marcar uma tomada de posição por parte do locutor do conteúdo enunciado.

A tese de Ducrot ainda recebe um adendo feito por Espíndola (2003), quando esta afirma que não só a língua é argumentativa como também o seu uso. A autora assim apresenta:

Filiamo-nos à tese de Anscombe-Ducrot para quem a língua é fundamentalmente argumentativa, fazendo um adendo a essa tese: o uso também é argumentativo. Dessa forma reescrevemos a tese original de Anscombe-Ducrot – a língua e o seu uso são fundamentalmente argumentativos. (ESPÍNDOLA 2003 *apud* NASCIMENTO 2012, p.53).

Assim sendo, Ducrot (1987 *apud* Cabral 2011) postula que as línguas têm outra função que não é meramente a informativa. Há, segundo ele, no valor semântico profundo de palavras, expressões ou mesmo enunciados indicações argumentativas. A argumentação consiste em apresentar determinado enunciado destinado a fazer admitir um conjunto de outros. Sendo assim, não há que se levar em conta que um determinado enunciado seja produzido visando apenas à informação. Acredita-se que, em nível profundo, há outras implicações que nos obrigam a não apenas uma conclusão, mas a várias conclusões.

Para Ducrot e seus seguidores, a língua nos oferece uma infinidade de possibilidades de construção e uma série de limitações de uso também. Tal conceito é o que fundamenta a Teoria da Argumentação na Língua. Do ponto de vista da TAL, argumentar consiste em apresentar um enunciado ou um conjunto de enunciados como destinados a fazer admitir um outro ou um conjunto de outros.

Trataremos a seguir dos conceitos de frase e enunciado partindo de Benveniste (1974 *apud* Cabral 2011).

A enunciação constitui o processo pelo qual o indivíduo põe em uso o sistema linguístico. Ela não é o texto do enunciado, mas simplesmente o ato de produzi-lo. A enunciação se manifesta por meio de textos, de enunciados. O enunciado é, portanto, o resultado desse processo. Segundo Benveniste (1974 *apud* Cabral 2011, p.28) “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso”; nela, a língua se encontra empregada na expressão de certa relação com o mundo.

Antes da enunciação, a língua é apenas uma possibilidade. As frases possíveis de uma língua incluem-se nessa possibilidade. A frase constitui, portanto, um construto teórico, isto é, a combinação de sintagmas para a construção de sequências linguísticas aceitáveis de uma língua. Em outras palavras, a frase pode ser definida como um construto teórico, isto é, uma estrutura que contempla um sintagma nominal e um sintagma verbal – SN+ SV. Isto é válido no caso da frase verbal. É por isso que uma frase pode, a partir da enunciação, resultar em diferentes enunciados, dependendo do contexto, dos objetivos do produtor do enunciado.

Segundo Ducrot (1989 *apud* PEREIRA 2008):

A frase nos diz o que é necessário fazer quando se tem que interpretar seus enunciados, especifica especialmente o tipo de indícios que é necessário procurar no contexto. Entre estas instruções, eu me interesso particularmente por aquelas apresentadas pelo que chamo as ‘variáveis argumentativas’. Elas indicam ao

intérprete do enunciado que ele deve constituir e atribuir ao locutor uma estratégia argumentativa determinada (DUCROT, 1989 *apud* PEREIRA, 2008, p.28).

A frase, fora do seu contexto enunciativo, não constitui um enunciado porque não pode produzir sentido, ela tem apenas uma significação resultante da interpretação das relações dos termos que a compõem; somente o enunciado produz sentido, pois esse é um fenômeno que envolve a compreensão de toda a situação de enunciação. A compreensão de um enunciado, conforme defende Ducrot (1980), implica a descoberta da conclusão intencionada pelo locutor; depende, portanto, do contexto para fazer sentido.

Uma vez definidos os conceitos de enunciação, frase e enunciado passamos a fazer considerações sobre as unidades linguísticas que são responsáveis, em parte, pela argumentatividade na língua. Tais unidades são palavras que recebem tratamento específico na Linguística Textual e na Semântica Argumentativa.

2.2 Os marcadores argumentativos: operadores e conectores

Adotando-se a nomenclatura da Linguística Textual, as unidades linguísticas aqui apresentadas podem ser chamadas tanto de articuladores textuais como conectores.

Os autores Koch e Vilela (2001) reconhecem algumas classes de palavras, sobretudo as conjunções e advérbios, como conectores. De acordo com as relações semânticas ou semântico-sintáticas expressas pelas conjunções e elementos adverbiais que funcionam como conjunções, temos o seguinte quadro:

Quadro das conjunções e elementos adverbiais

Seriação/adição/alternância/disjunção: e, assim, quer... quer, seja... seja, mas ainda, não só – mas também/senão também/como também, bem como.
Oposição: mas, contudo, todavia, embora, porém, no entanto, não obstante, antes, etc.
Relação sequencial (ou pontual?) de tempo: então, até que, antes que, logo que, depois que.
Causa: pois, então, daí, porque.
Consequência: de tal modo, por conseguinte, portanto, porquanto.
Finalidade: assim, para que, a fim de que.

Condição: se, a não ser que, porventura se, desde que.
Concessão opositiva: embora, apesar de que, ainda que.
Comparação: como, como se.

(KOCH e VILELA, 2001, p.260).

Koch (2000) explicita que o encadeamento de segmentos textuais de qualquer extensão, como períodos, parágrafos, subtópicos, sequências textuais ou partes inteiras de textos, é estabelecido, em grande número de casos, pelos operadores argumentativos.

Segundo Koch (2011), existe em cada língua uma série de palavras que são responsáveis pela argumentação na linguagem. A gramática tradicional trata desse conjunto de palavras apenas como elementos relacionais – conectivos - e, em alguns outros casos, não os enquadram em nenhuma das classes de palavras.

O termo ‘operadores argumentativos’ foi assim designado por Ducrot. Dentre os operadores, há palavras de diferentes classes gramaticais, dentre as quais se destacam as conjunções, pois a grande maioria desses operadores pertencem a essa classe, embora nem toda conjunção funcione como operador discursivo ou argumentativo. A Teoria da Argumentação na Língua desenvolveu-se a partir da análise dos conectores, mas também se aplica a outras classes de palavras. Consideram-se conectores as palavras que cumprem a função de estabelecer a conexão entre os enunciados, logo as conjunções e alguns advérbios encaixam-se no grupo dos conectores.

É na semântica argumentativa que tais elementos vão ser estudados por serem de grande importância porque são exatamente eles os responsáveis pelo valor argumentativo de determinados enunciados. A argumentação é um traço constitutivo de numerosos enunciados, de tal forma que parece ser impossível empregarmos determinados enunciados sem que pretendamos com eles orientar nosso interlocutor em direção a certo tipo de conclusão. Ducrot e seus seguidores interessam-se pela orientação que as palavras conferem ao discurso. Seus estudos enfocam especialmente algumas expressões linguísticas cuja utilização discursiva está sujeita a restrições impossíveis de se deduzir de seu valor informativo apenas.

Espíndola (1998, *apud* Nascimento 2010), a partir dos estudos de Ducrot, classifica os operadores argumentativos em três grupos, a saber:

- **Conector Argumentativo** - Os conectores argumentativos são elementos linguísticos que articulam duas porções textuais. Um exemplo de conector argumentativo é o operador *mas*.
- **Operador argumentativo no sentido estrito** - Os operadores de sentido estrito são partículas linguísticas que aplicadas a um enunciado indicam, além dos topos, a força com que estes topos serão atualizados, ou seja, indicam o princípio argumentativo e sua força no enunciado. Um exemplo de operador no sentido estrito é a palavra *até*. **De acordo com Cabral (2011) a palavra ‘topos’ é de origem grega e significa lugar. Diz respeito a crenças que funcionam como princípios gerais que justificam os raciocínios que conduzem a uma conclusão.**
- **Modificador** - Os modificadores são elementos linguísticos que possuem a função de modificar os predicados. São, portanto, nomes e verbos de uma língua que indicam o princípio argumentativo e a força como esse princípio é aplicado a uma determinada situação, pessoa ou fato.

Compreendidos como os elementos da língua que exercem a função de orientar argumentativamente os enunciados, os operadores argumentativos são tratados na TAL como recursos de grande importância para marcar a direção no sentido de uma mesma conclusão porque, segundo Ducrot, a ausência de marcadores argumentativos em um enunciado determina uma frase informativa, já a presença confere à frase, além da informação, uma argumentação. Nesse sentido, Ducrot propõe a noção de classe argumentativa e de escala argumentativa.

A classe argumentativa corresponde a dois ou mais enunciados que podem servir como argumentos a favor de uma mesma conclusão *r*, ou seja, todos os argumentos apresentam o mesmo peso. Koch (2006, p.30), define a classe “como um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumentos para uma mesma conclusão. Koch (1992, p.32-33) nos apresenta os seguintes exemplos:

(1) João é o melhor candidato (conclusão R)

Arg. 1- tem boa formação em Economia.

Arg. 2- tem experiência no cargo.

Arg. 3 – não se envolve em negociatas.

Cabral (2011, p.86), seguindo o mesmo raciocínio acima, apresenta-nos o seguinte exemplo para ilustrar essa noção de classe argumentativa. Se alguém nos chama para assistir a um filme, pode usar os seguintes argumentos para nos convencer:

1-O enredo é interessante.

2-A fotografia é linda.

3-O filme foi contemplado com três Oscar.

Já a escala argumentativa se constrói quando se pode estabelecer uma hierarquia entre os elementos de uma classe argumentativa. Assim sendo, a escala argumentativa se constitui na medida em que os enunciados de uma mesma classe se apresentam em gradação, aumentando a força no sentido de uma mesma conclusão. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Ducrot (1980) nos apresenta a seguinte explicação para a noção de escala argumentativa:

Um argumento p' é, para um locutor, mais forte que um argumento p , em relação a uma conclusão r se, do ponto de vista do locutor, aceitar p' como prova para r implica aceitar também p , mas não o inverso.

Abaixo, apresentamos um exemplo de escala argumentativa extraído de Koch (2013):

A apresentação foi coroada de sucesso. (conclusão R)

Arg. 1 – estiveram presentes personalidades do mundo artístico

Arg. 2 – estiveram presentes pessoas influentes nos meios políticos

Arg. 3 – esteve presente o presidente da República (argumento mais forte)

Costuma-se representar graficamente a escala argumentativa da seguinte forma:

R: A apresentação foi coroada de sucesso:

(arg. + forte)



p'' – esteve presente o presidente da República

P' – estiveram presentes pessoas influentes nos meios políticos

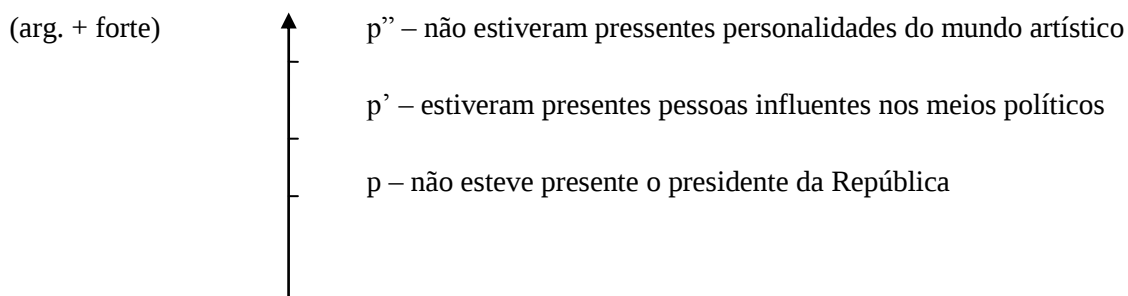
P – estiveram presentes personalidades do mundo artístico.

O enunciado produzido por um locutor ficaria assim:

A apresentação foi coroada de sucesso. Estiveram presentes personalidades do mundo artístico, pessoas influentes nos meios políticos e até mesmo o presidente da República.

Se a mesma conclusão for negada, invertem-se os elementos da escala:

R: A apresentação não teve sucesso:



Produzido por um locutor, o enunciado formado ficaria assim:

A apresentação não teve sucesso. Não estiveram presentes nem o presidente da República, nem pessoas influentes nos meios políticos e nem mesmo personalidades do mundo artístico.

Assim, com base no exposto, pode-se concluir que é ao locutor que cabe a tarefa de colocar os argumentos numa hierarquia, sendo que um deles pode ser o mais forte. Nesse sentido, o argumento mais forte inclui o mais fraco, ou seja, ao aceitar o mais forte, o locutor aceita também o mais fraco, no entanto, se o locutor aceitar o mais fraco, não quer dizer necessariamente que ele aceite o mais forte.

Ducrot (1980) ressalta que cabe inteiramente ao locutor marcar a hierarquia numa escala argumentativa, sendo que, ao marcar essa hierarquia, o locutor assume um posicionamento diante do conteúdo de seu enunciado.

Um exemplo da noção de classe argumentativa apresentado por Cabral (2011, p.90) pode servir como ilustração.

Multiprocessador Brastemp. Mais um lançamento da Linha Brastemp Professional Quality.

Multiprocessador você conhece. *Agora*, um multiprocessador que é assim uma Brastemp, esta é a primeira vez. Comece pelo design: robusto e moderno ao mesmo tempo. Agora o desempenho: são 600 watts de potência, lâminas Sabatier, uma das melhores do mundo, que nunca perdem o fio, cortam, misturam, fatiam e liquidificam como você nunca viu. E os controles? Não tem botão, o sistema é eletrônico. E ainda possui uma completa linha de acessórios. Só podia mesmo ser assim Brastemp.

Nesse exemplo, o locutor encadeia uma classe de argumentos. A classe está articulada pelo encadeamento “Comece pelo design”. O segundo elemento da escala se inicia “Agora o desempenho”. Por último, o locutor apresenta a pergunta “e os controles?” Todos esses elementos encadeados conduzem à conclusão: só podia ser uma Brastemp.

O locutor poderia ter organizado os argumentos numa escala em favor do multiprocessador Brastemp:

Argumento 1: Ele tem um design robusto e moderno ao mesmo tempo.

Argumento mais forte:

Argumento 2: Inclusive o desempenho é fantástico: são 600 watts de potência, lâminas Sabatier, uma das melhores do mundo, que nunca perdem o fio, cortam, misturam, fatiam e liquidificam.

O argumento decisivo:

Argumento 3: Além do mais, não tem botão, o sistema é eletrônico.

Os argumentos apresentados na propaganda não estão marcados numa ordem fixa, o que acaba estabelecendo uma equivalência entre eles, deixando para o leitor a tarefa de hierarquizá-los. Percebe-se, por meio do exemplo, que deixando ao leitor a tarefa de colocá-los numa hierarquia, a força argumentativa do texto se sobressai ainda mais. Percebemos que no exemplo há uma classe porque todos os argumentos contribuem para uma mesma conclusão, que no caso apresentado é a qualidade da marca Brastemp.

Para melhor expor os operadores argumentativos abordados nesta pesquisa, serão apresentadas a seguir, as relações discursivas, bem como as suas funções de acordo com Koch (2013).

A) Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão. São representados por: *até, mesmo, até mesmo, inclusive*.

Exemplo:

A apresentação foi coroada de sucesso: estiveram presentes personalidades do mundo artístico, pessoas influentes nos meios políticos e *até (mesmo, até mesmo, inclusive)* o presidente da República.

B) Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão (isto é, argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa). São os seguintes: *e, também, ainda, nem (= e não), não só... mas também, tanto... como, além de..., além disso..., a par de...*

Exemplo: *João é o melhor candidato.*

Partindo do exemplo acima poderíamos ter diferentes versões para a mesma frase.

a) João é o melhor candidato: tem boa formação em Economia, tem experiência no cargo *e* não se envolve em negociatas.

b) João é o melhor candidato: não só tem boa formação em Economia, *mas também* tem experiência no cargo *e* não se envolve em negociatas.

c) João é o melhor candidato: *além de* ter boa formação em Economia, tem experiência no cargo; *e também* não se envolve em negociatas.

d) João é o melhor candidato: *tanto* tem boa formação em Economia, *como* experiência no cargo; *além disso*, não se envolve em negociatas.

e) João é o melhor candidato: *a par de* uma boa formação em Economia, também tem experiência no cargo; *além do que* não se envolve em negociatas.

O operador *aliás* introduz também argumento adicional a um conjunto de argumentos já enunciados, fazendo-o de maneira “sub-reptícia”. É por meio dele que se introduz um argumento decisivo, com o qual se dá o “golpe final”, resumindo ou coroando todos os demais argumentos.

Exemplo retirado de um anúncio publicitário:

“Esta é uma filosofia de trabalho que levamos a sério há mais de 50 anos. *Aliás*, muito a sério.” (Isto é, mais “a sério” do que nossos concorrentes).

C) Operadores que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores: *portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, consequentemente.*

Exemplo:

O custo de vida continua subindo vertiginosamente; as condições de saúde do povo brasileiro são péssimas e a educação vai de mal a pior. *Portanto (logo, por conseguinte...)* não se pode dizer que o Brasil esteja prestes a se integrar no primeiro mundo.

D) Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas: *ou, ou então, quer... quer, seja... seja, etc.*

Exemplo:

Vamos juntos passear da passeata. Ou você prefere se omitir e ficar aguardando os acontecimentos?

E) Operadores que estabelecem relação de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão: *mais que, menos que, tão... como, etc.*

Exemplo:

A: Vamos convocar a Lúcia para redigir o contrato.

B: A Márcia é *tão* competente *quanto* a Lúcia.

F) Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior: *porque, que, já que, pois, etc.*

Exemplo:

“Não fique triste *que* este mundo é todo seu

Tu és muito mais bonita *que* a Carmélia que morreu”.

(Jardineira)

G) Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: *mas (porém, contudo, todavia, no entanto, etc), embora (ainda que, posto que, apesar de (que), etc.)*.

Exemplos:

A equipe da casa não jogou mal, *mas* o adversário foi melhor e mereceu ganhar o jogo.

Embora o candidato tivesse se esforçado para causar boa impressão, sua timidez e insegurança fizeram com que não fosse selecionado.

Segundo Ducrot (1976 *apud* Koch 2013), o MAS é o operador argumentativo por excelência. Assim sendo, tanto o *mas* quanto os seus similares têm um esquema semelhante de funcionamento: o locutor introduz em seu discurso um argumento possível para uma

conclusão R; logo em seguida, opõe-lhe um argumento decisivo para a conclusão contrária não R ($\sim R$).

De acordo com Koch (2013), do ponto de vista semântico tanto os operadores do grupo do MAS quanto os do grupo do EMBORA têm funcionamento semelhante porque opõem argumentos enunciados de perspectivas diferentes e que orientam para conclusões contrárias. A diferença entre os dois grupos diz respeito à estratégia argumentativa utilizada pelo locutor. No grupo do MAS, ele emprega, segundo Guimarães (1987) a “*estratégia do suspense*”, isto é, faz com que venha à mente do interlocutor a conclusão R, para depois introduzir o argumento ou conjuntos de argumentos que irá levar à conclusão R. Já no caso do *embora*, o locutor utiliza a *estratégia da antecipação*, ou seja, anuncia, de antemão, que o argumento introduzido pelo *embora* vai ser anulado.

H) Operadores que têm por função introduzir no enunciado conteúdos pressupostos: *já, ainda, agora, etc.*

Exemplo:

Paulo mora no Rio (Enunciado não encerra nenhum pressuposto).

Paulo *ainda* mora no Rio ou Paulo *já* não mora mais no Rio (Enunciados que apresentam o pressuposto de que Paulo morava no Rio antes).

J) Operadores que se distribuem em escalas opostas, isto é, um deles funciona numa escala orientada para a afirmação total e o outro, numa escala orientada para a negação total.

Exemplo:

Será que Ana vai passar no exame?

Ela estudou um pouco. ($\rightarrow$ tem possibilidade de passar)

Ela estudou pouco. ($\rightarrow$ provavelmente não passará)

2.3 A argumentação e o texto argumentativo

Na seção anterior, foram apresentados os elementos linguísticos (operadores argumentativos) responsáveis pela argumentação na língua. De acordo com a TAL, são eles os responsáveis por evidenciar em nível de materialidade linguística a força dos argumentos. Convém destacar, nesta seção, que na tarefa da argumentação não se pode recorrer apenas aos

operadores argumentativos para que se efetive uma boa argumentação. O movimento de persuadir o leitor é feito também por meio da construção e colocação articulada dos argumentos. A seleção dos melhores argumentos e a forma como encadeá-los aliado ao uso adequado dos operadores argumentativos garante ao texto escrito uma melhor adequação no que se refere ao propósito argumentativo. Não se pode deixar de reconhecer que outros elementos da língua como o próprio léxico e a sintaxe também instauram a argumentatividade. A forma como construímos nossos enunciados e seleção das palavras que vão compor esse nosso dizer são também importantes nessa construção do ato de argumentar.

Considerando que a argumentação se faz presente no artigo de opinião por ser ele um texto essencialmente argumentativo e dado os propósitos deste trabalho que recaem em parte no gênero textual artigo de opinião, faremos brevemente uma exposição sobre como se constrói a argumentação.

Em relação à argumentação são importantes os destaques feitos por Garcia (2010, p.380). A argumentação é assim definida: “convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente”. O ato de argumentar obedece a algumas condições como a lógica e não a “juízos de simples inspeção” como os preconceitos, as superstições ou generalizações apressadas. Além disso, o xingamento, a ironia, o sarcasmo, por mais brilhantes que possam parecer e por mais que desequilibrem o oponente, jamais devem ser vistos como argumentos porque fogem à consistência dos fatos, revelando nada menos que um comportamento falacioso e comprovando a falta de argumentos.

As evidências manifestam-se no texto argumentativo por meio de cinco tipos mais comuns: fatos, exemplos, ilustrações, dados estatísticos e o testemunho.

a) Fatos: Os fatos constituem o elemento mais importante da argumentação em particular assim como da dissertação ou explanação de ideias em geral. Só os fatos provam, só eles convencem. No entanto nem todos os fatos são irrefutáveis uma vez que seu valor de prova pode ser relativo, dadas as mudanças que podem acontecer. Dessa forma, o que era verdade ontem pode não o ser mais hoje.

b) Exemplos: Correspondem a fatos típicos ou representativos de determinada situação.

c) Ilustrações: Ocorre quando o exemplo se alonga em narrativa detalhada e entremeada de descrições. Distinguem-se dois tipos de ilustração: a hipotética e a real. A primeira narra o que poderia acontecer ou provavelmente acontecerá em determinadas circunstâncias não prescindindo da condição de verossimilhança e de consistência. O propósito principal deste

tipo é tornar mais viva e mais impressiva uma argumentação sobre temas abstratos. No entanto seu valor de prova é muito relativo, e, em certos casos, até mesmo duvidoso. A ilustração real descreve ou narra em detalhes um fato verdadeiro. Vale por si mesma como prova sendo neste caso mais persuasiva do que a hipotética. Deve ser clara, objetiva e sustentar uma determinada declaração.

d) Dados estatísticos: São também fatos, mas fatos específicos. Têm grande valor de convicção, constituindo quase sempre prova ou evidência de valor incontestável. Porém, argumenta Garcia (2010), é preciso ter cautela na apresentação porque sua validade é muito relativa, uma vez que com os mesmos dados estatísticos podemos provar ou refutar a mesma tese.

e) Testemunho: O testemunho corresponde ao fato trazido por intermédio de terceiros. Se autorizado ou fidedigno seu valor de prova é inegável, mas sua eficácia também pode ser relativa. Sua presença na argumentação em geral constitui, desde que fidedigno ou autorizado, valioso elemento de prova.

O texto argumentativo é composto, além das evidências, por uma estrutura própria que o identifica como tal. Garcia (op. cit) nos apresenta essa estrutura sob dois aspectos: o da argumentação informal e o da argumentação formal, ambas apresentando quatro estágios.

a) Argumentação informal: os textos compõem-se de proposição, concordância parcial, contestação e conclusão. Na proposição há uma declaração, tese ou opinião; na concordância parcial percebe-se que, em face de certas ideias ou teses, há concordância parcial ou contestação parcial porque não se defende determinadas ideias de uma forma absoluta havendo, portanto, uma certa relatividade; na contestação há uma argumentação em desfavor da proposição sendo que no texto escrito, falado ou sinalizado o período ou parágrafo se inicia com uma conjunção adversativa ou expressão equivalente; por último a conclusão, que decorre naturalmente dos argumentos ou provas apresentados. Nessa parte, as principais palavras ou expressões utilizadas são do tipo conclusivas como “logo”, “portanto”, “por consequência”, “de forma que”.

b) A argumentação formal: em muito se assemelha à informal e apresenta os seguintes estágios: proposição, análise da proposição, formulação dos argumentos e conclusão.

A proposição deve ser clara e definida quanto ao que se afirma ou nega. Além disso, deve admitir tomada de posição, divergências de opiniões. Se colocada de forma vaga ou inespecífica que não permita tomada de posição só poderá admitir dissertação, isto é explanação ou interpretação.

Na análise da proposição é de suma importância que se defina com clareza o seu sentido. Nesse estágio, também é indispensável que o autor defina a sua posição de maneira inequívoca, ou seja, aquilo que pretende provocar.

A formulação dos argumentos constitui a argumentação propriamente dita, e representa o estágio em que se apresentam as provas ou razões. Constituem provas os fatos tais como: exemplos, estatísticas, ilustrações, descrições, narrações, testemunho autorizado, alusões históricas, comparações, analogias.

A conclusão surge naturalmente dos argumentos apresentados. Não se constitui como recapitulação ou resumo. Deve, conforme Garcia (2010, p.390) “em termos claros, insofismáveis” ratificar a essência da proposição.

Como foi demonstrado, a argumentação possui uma estrutura própria que a faz, primeiramente, um tipo textual e, por outro lado, a coloca numa categoria que vai além da tipologia de texto porque está presente em todas as atividades de interação, em toda atividade de linguagem em que buscamos estabelecer comunicação com o outro.

A força argumentativa dos enunciados vai dar-se não somente pela seleção dos melhores argumentos, mas também pela escolha que se faz em nível linguístico propriamente dito.

2.4 A argumentação e o ensino

O estudo dos operadores argumentativos favorece ao aluno uma melhor compreensão da leitura no sentido de reconhecer as manobras discursivas realizadas pelo produtor do texto e, ao mesmo tempo, proporciona uma apropriação mais clara e consciente do uso que pode fazer no momento da produção de texto.

Convém destacar que um ensino de língua que considere o real funcionamento da argumentatividade a trabalhará em todas as etapas do processo de ensino-aprendizagem: na leitura, na escrita e na análise linguística.

Trabalhar nas três fases do processo significa considerar a argumentação como inerente à própria linguagem e presente em todos os gêneros textuais. Dessa forma, é eficaz na *leitura* porque, de acordo com Nascimento (2012, p.70-71), “uma leitura eficaz é aquela que, entre outras características, perscruta as intenções de quem produziu o texto e, para que

isso ocorra, é necessário considerar as estratégias argumentativas utilizadas pelo locutor do texto”. Na produção de texto se destaca como importante porque, como destaca o referido autor:

[...] um texto bem produzido é, entre outras coisas, aquele que consegue estabelecer um diálogo com seu interlocutor e explicita, na medida do possível e guardadas as características de cada contexto e gênero escolhido, as intenções de quem o produz. Assim, é impossível dissociar o ensino da escrita do ensino da argumentação (NASCIMENTO 2012, pp.70-71).

Considerar o estudo da argumentação como importante no trabalho com a língua significa que, além das atividades que envolvem a leitura e a produção de texto, deve-se levar em conta também no ensino da Análise Linguística porque segundo Nascimento (2012, p.71) “[...] o ensino da análise linguística, ou seja, das estruturas da língua e do seu funcionamento, perpassa pela argumentação porque como assinala Ducrot (1988), a argumentatividade já está inscrita na própria estrutura da língua”.

Na produção escrita de um texto, na fala que produzimos ou na sinalização, usamos um discurso intencionado que visa estabelecer com o interlocutor um contrato na tentativa de fazer com que o outro compartilhe de nossa opinião. Nesse sentido, a argumentação representa, na interação, uma influência exercida sobre os interlocutores. Para tanto, buscamos argumentos adequados àquilo que pretendemos alcançar ou atingir.

O trabalho com os marcadores argumentativos se constitui em algo extremamente importante, uma vez que são eles os responsáveis por imprimir marcas de argumentatividade. Além do mais, saber (re) conhecê-los, bem como usá-los com proficiência, torna o sujeito leitor/produtor mais capacitado para compreender as diversas manobras discursivas pelas quais pode se dar o jogo com a linguagem.

Como foi demonstrado, o trabalho com a argumentação poderá possibilitar um desenvolvimento amplo em termos de enriquecimento nas atividades que envolvem a linguagem, sejam em atividades que envolvam a leitura e compreensão ou também, e principalmente, naquelas que demandam um trabalho mais apurado com a escrita. E é em torno da escrita que se desenvolvem as atividades de produção textual.

Levando-se que em conta que o *corpus* deste trabalho serão produções textuais do gênero artigo de opinião feito por alunos do Ensino Fundamental trataremos a seguir deste gênero que será tratado neste trabalho como parte integrante da pesquisa e será produzido tomando-se como referência o modelo da sequência didática.

2.5 O gênero textual em foco: o artigo de opinião

Mikhail Bakhtin, pensador e filósofo russo, no início do século XX, dedicou-se aos estudos da linguagem e foi o primeiro a empregar a palavra *gêneros* com um sentido amplo, referindo-se também aos textos que empregamos nas situações cotidianas de comunicação. Bakhtin é considerado uma das referências relevantes nos estudos sobre os gêneros. A teoria dos Gêneros do Discurso, proposta por ele, considera a língua como um instrumento de interação. É somente a interação entre dois indivíduos socialmente organizados que pode dar origem à enunciação.

A teoria dos *Gêneros do Discurso*, proposta por Bakhtin, leva em consideração o fato de que a língua é um instrumento de interação. Para o autor, somente a interação entre dois indivíduos socialmente organizados pode dar origem à enunciação. Mesmo que não haja interlocutor real, este pode ser substituído por um representante do mesmo grupo social ao qual pertence o locutor (RODRIGUES, 2005).

Nesse sentido, os conceitos apresentados por Bakhtin têm, como eixo central, a ideia de que o uso da linguagem acontece no interior das relações sociais mantidas pelos indivíduos (RAMIRES, 2005). "Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem" (BAKHTIN, 1979, p. 261). Para Bakhtin (1979, p. 261), "a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação".

Falamos sempre por meio de gêneros numa dada esfera de atividade humana, e é o contexto que determina as características do gênero a ser utilizado. "Cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados" (BAKHTIN, 1979, p. 280). Rodrigues (2005, p. 164) comenta que:

Cada esfera, com sua função socioideológica particular (estética, educacional, jurídica, religiosa, cotidiana etc.) e suas condições concretas específicas (organização socioeconômica, relações sociais entre os participantes da interação, desenvolvimento tecnológico etc.), historicamente formula na/para a interação verbal gêneros discursivos que lhe são próprios. Os gêneros se constituem e se estabilizam historicamente a partir de novas situações de interação verbal (ou outro material semiótico) da vida social que vão se estabilizando, no interior dessas esferas.

Para Bakhtin (1979), o processo de interação cria enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de determinado campo da linguagem não apenas pelo seu tema e estilo, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Seguindo o que propõe Bakhtin, Marcuschi (2008, p.194), afirma que os textos situam-se em domínios discursivos, entendidos como “uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica, etc.)”. Segundo essa divisão, cada domínio discursivo engloba gêneros próprios.

Consideramos que os gêneros textuais são instrumentos de ensino e, portanto, devem ser ensinados na escola. Dada a multiplicidade de gêneros existentes, é preciso escolher aqueles que devem fazer parte do currículo escolar. Nessa escolha, certamente entrarão os gêneros ligados ao jornalismo, principalmente aqueles que informam como as notícias e reportagens ou aqueles que formam opinião como os artigos de opinião, os editoriais e as cartas de leitor.

O artigo de opinião é um gênero textual pertencente ao domínio jornalístico que circula em seções de opinião de jornais e revistas impressos ou on-line. Um artigo de opinião discute, geralmente, a partir de fatos noticiados, questões sobre variados temas: políticos, sociais, científicos e culturais, de interesse geral e atual, que afetam direta ou indiretamente um grande número de pessoas.

Beltrão (1980) mostra que o artigo de opinião se caracteriza por apresentar comentários ou teses fundados em visão pessoal, devendo o texto ser condensado em uma única ideia central, com linguagem simples, direta, incisiva, cortante, energética e convincente.

Entendemos que se as questões discutidas no gênero artigo de opinião se caracterizam por não serem consensuais, a principal característica desse gênero é a tomada de posição diante de uma questão polêmica. Questões dessa natureza costumam gerar discussões e levantar diferentes pontos de vista sobre o tema de que tratam. Ao posicionar-se sobre uma questão polêmica, não se pode apenas opinar, é preciso sustentar seu ponto de vista com evidências, provas, dados e outros elementos que darão suporte à ideia defendida.

De acordo com Melo (2003), os gêneros jornalísticos são distribuídos em duas categorias, a saber: *informativa*, em que há a evolução dos acontecimentos associada à relação que os jornalistas estabelecem entre os acontecimentos e seus protagonistas; *opinativa*, na

qual os gêneros são co-determinados pela instituição jornalística: de um lado, há o autor e de outro, a angulação, isto é, a perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião.

O artigo de opinião situa-se no jornalismo opinativo que visa à leitura do real. Há dois elementos que especificam esse gênero, sendo eles a atualidade e a opinião. A opinião é expressa por um colaborador ou convidado do jornal. Os autores desse gênero são, em geral, pessoas reconhecidas por sua competência profissional e suas especialização no assunto que gerou a polêmica, ou mesmo por sua influência social. “O articulista tem autonomia e se responsabiliza pelo ponto de vista exposto, o que dá a esse gênero o caráter argumentativo baseado no “próprio conhecimento e sensibilidade” de quem escreve” (MELO, 2003, p.123). Por se nutrir do efêmero, do circunstancial, a plasticidade é uma característica reforçada nesse gênero.

De acordo com Gagliardi (2004), a interpretação, a posição tomada e a opinião expressa pelos autores de artigos não são necessariamente aquelas ligadas ao jornal ou revista no qual ele foi veiculado. Os editores abrem espaço para que os articulistas se expressem porque os consideram pessoas capazes de formar opinião e influenciar o público-leitor. Como os artigos são assinados, a opinião neles expressa não compromete a “isenção” que o jornal deve manter diante das polêmicas.

Na construção do artigo de opinião, o articulista tem por objetivo persuadir ou convencer o leitor. Esse processo de construção deve levar em conta uma adequada articulação de argumentos que o autor pretende usar para defender o seu ponto de vista. Para isso usará diferentes tipos de argumentos, por exemplo, de *autoridade*, citando falas de pessoas autorizadas no assunto tratado; de *causa e consequência*; de *provas*, referindo-se a estatísticas e outros dados de estudos sobre o problema.

A escrita do artigo de opinião, além de ser marcada pela seleção e combinação dos argumentos, dá-se também pela tomada de posição do autor que se revela pelas marcas linguísticas que anunciam a posição do articulista: “penso que”, “do nosso ponto de vista”; introduzem os argumentos como o uso de marcadores de explicação “porque”, “pois” ou os marcadores de conclusão como “portanto”, “logo”; trazem para o texto diferentes vozes: “alguns dizem que”, “as pesquisas apontam”, “os economistas argumentam que”.

Este é o gênero textual proposto na prática de escrita realizada nesta pesquisa. Espera-se que o aluno possa produzir textos que atendam às características desse gênero, considerando a sua estrutura e a sua função social. Além disso, e para esta pesquisa, mais importante se faz perceber em nível propriamente linguístico a utilização dos elementos

discursivos como os operadores argumentativos responsáveis pela instauração da força argumentativa que se pretende imprimir nos textos. No capítulo seguinte nos ocuparemos da análise do *corpus* coletado fundamentando-nos na teoria aqui exposta.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentaremos uma descrição das condições de produção do corpus a ser analisado. Trata-se de uma pesquisa ação desenvolvida no âmbito de minha própria prática de sala de aula. O corpus analisado compõe-se de textos do gênero artigo de opinião, produzidos por alunos do Ensino Fundamental.

3.1 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos envolvidos nesse trabalho são 17 alunos do turno matutino de uma turma do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tharcila Barbosa da Franca, localizada em João Pessoa-PB.

A faixa etária dos alunos varia de 14 a 15 anos. Residem no entorno da escola, no bairro do Grotão e em outros bairros próximos que são, em sua maioria, habitados por pessoas de baixo poder aquisitivo. Os partícipes dessa pesquisa são pertencentes a classes sociais menos favorecidas e, portanto, é limitado o acesso a recursos tecnológicos e de informação que lhes favoreçam a uma melhor inserção dos na sociedade.

O acesso à internet, jornais e revistas é restrito, sendo que a internet é, hoje, o caminho mais acessível para eles quando pretendem fazer pesquisas escolares e buscam outras formas de interação com o ambiente virtual. Esse acesso não se dá, em sua grande maioria, nas suas próprias residências, mas em espaços privados como *lan houses*.

3.2 A delimitação do corpus

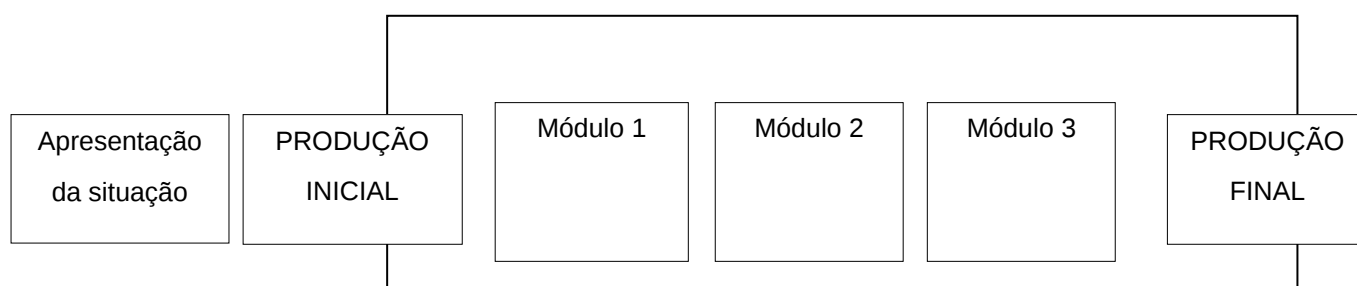
O corpus coletado compõe-se de textos produzidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tharcila Barbosa da Franca. Os textos coletados foram produzidos em momentos distintos. No primeiro momento, os alunos produziram livremente, a partir de um tema polêmico que eles próprios selecionaram. Para

que a segunda produção fosse encaminhada, foram desenvolvidas propostas de atividades que visavam contribuir para um uso mais proficiente dos operadores argumentativos. Nos dois momentos da coleta do corpus, o trabalho foi desenvolvido levando-se em conta a teoria sociointeracionista da linguagem, que considera um contexto amplo que envolve a escrita (um sujeito que escreve, com uma finalidade, visando estabelecer uma comunicação com o interlocutor).

3.3 A sequência didática

Considerando o pressuposto de que prática de produção deve se pautar numa visão sociointeracionista, a sequência didática - doravante SD – constitui um procedimento adequado e que atende aos objetivos dessa proposta. De acordo como os seus criadores Dolz, Schneuwly, Noverraz (2004, p.97), uma sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Uma SD tem por função ajudar o aluno a dominar melhor um gênero textual e dele se apropriar. Assim expõem os autores (op.cit.): “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”. Esquemáticamente, como sugerem os autores, a estrutura de base de uma sequência didática pode ser assim representada:



(Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004 *apud* Marcuschi 2008, p.214).

A sequência conteria então as seguintes partes: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final.

a) *A apresentação da situação*: nessa etapa é apresentada uma descrição detalhada de todo o processo que será desenvolvido em relação ao trabalho com um gênero textual. Decidem-se questões importantes como: qual gênero será produzido, para quem ele será produzido, qual a sua modalidade (escrita ou falada). Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p.99), a primeira etapa da sequência didática corresponde à apresentação da situação, cujo objetivo é apresentar aos alunos um projeto de comunicação, que será realizado por completo, na produção final.

b) *A primeira produção*: Nessa etapa, os alunos tentam elaborar pela primeira vez um texto escrito. Essa etapa permite aos alunos revelarem para si mesmo bem como ao professor as representações que têm dessa atividade. Como é nessa fase que sairá a primeira parte escrita, é somente a partir dela que o texto poderá ser avaliado e é o momento onde serão diagnosticados os possíveis problemas que serão tratados na próxima etapa, a dos módulos.

c) *Os módulos*: A terceira fase da sequência refere-se aos módulos, cuja finalidade é trabalhar os “problemas” que apareceram na primeira produção e oferecer aos alunos, instrumentos imprescindíveis para superá-los e treiná-lo o suficiente para a produção final.

A última fase da sequência refere-se a uma produção final, na qual os alunos poderão pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos.

Esta fase consente o procedimento não apenas de uma avaliação somativa, mas especialmente uma avaliação formativa, que possibilita ao aluno uma consciência crítica acerca de seu desenvolvimento ao longo da sequência didática. Ainda de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), na produção final, o aluno terá a oportunidade de refletir sobre o que conseguiu aprender e o que precisa aprimorar alicerçado numa postura crítica, diante da construção de sua aprendizagem. Assim, os alunos deverão conhecer de antemão, antes mesmo da execução da SD, os critérios a partir dos quais serão avaliados.

3.4 Etapas de produção e coleta do gênero artigo de opinião

Para a aplicação da proposta de produção textual, pautando-nos nos princípios da sequência didática, foram programadas atividades diversificadas: leituras, exposições, análise e compreensão acerca do gênero artigo de opinião, bem como dos operadores argumentativos empregados nos artigos lidos e a estratégia argumentativa desenvolvida pelo articulista de cada artigo estudado.

Considerando-se a prática de produção textual, buscou-se criar um contexto de produção que leva em conta alguns requisitos: interlocutor, finalidade, gênero, suporte e sua função. Para prosseguir com a proposta, os alunos foram informados de que seria criado um blog da escola e que, nesse ambiente virtual, seriam publicados semanalmente artigos de opinião, sendo eles os articulistas. Além disso, nesse blog seriam desenvolvidas muitas outras atividades de interesse da comunidade escolar, sendo uma delas a veiculação dos artigos.

De posse da primeira versão do artigo de opinião, pôde-se observar e analisar o uso dos operadores argumentativos.

Considerando que o nosso trabalho analisará duas versões de produção textual do gênero artigo de opinião, depois dessa primeira versão produzida, seguimos dando continuidade com a leitura e discussão de alguns artigos de opinião. O texto “Proibir publicidade resolve os problemas”? (Texto 1; Anexo A) foi o selecionado para a leitura. Antes, porém, para ativar o conhecimento prévio dos alunos em relação ao gênero, foi solicitado oralmente e de forma coletiva que pensassem em três temas ou questões polêmicas da sociedade de uma forma geral. O registro desses temas foi elencado no quadro, ao mesmo tempo em que registrávamos também a questão polêmica em torno do tema indicado.

Em seguida, foram apresentados três temas e foi questionado em qual deles poderia haver polêmica. Dentre os temas propostos, foi apontado aquele que questionava se seria correto proibir ou não a publicidade como forma de resolver os problemas. Logo em seguida, foi feita a leitura do artigo de opinião “Proibir a publicidade resolve os problemas”?

As atividades desenvolvidas nessa primeira etapa se concentraram na discussão sobre os meios em que circula o gênero, a caracterização da questão polêmica, a opinião do autor sobre a questão polêmica, o propósito comunicativo, as condições de produção e de recepção. Alguns alunos tiveram dificuldade de, no momento da atividade escrita, identificar e diferenciar a opinião dos argumentos.

No segundo momento (ver Apêndice), o trabalho se concentrou no estudo da estrutura da argumentação (tese, argumentos e conclusão). Foi possível trabalhar com a identificação da opinião do autor, dos argumentos favoráveis e contrários em relação à questão polêmica e as marcas linguísticas de introdução de argumentos. Além disso, reconhecer a importância da tomada de posição por parte do autor. Neste momento, foram selecionados alguns trechos do artigo de opinião “Grávidas no contrafluxo” (Texto 2; Anexo A).

No terceiro encontro (ver Apêndice), o trabalho concentrou-se em identificar, em alguns artigos lidos, os operadores argumentativos bem como reconhecer as relações de sentido estabelecidas por eles. Além disso, foi possível chamar a atenção para a orientação discursiva que cada autor pretendeu imprimir ao seu texto, ou seja, observamos como os argumentos apresentados eram encaminhados em torno da questão polêmica: se de sustentação – argumentos que reforçam o ponto de vista do autor; se de refutação – argumentos que são apresentados e contestados porque são contrários ao ponto de vista do autor ou se de negociação – argumentos em que o autor expressa aceitar em parte o ponto de vista de quem é contrário, mas ainda assim usa de contra-argumentos para refutar a outra parte.

Na oportunidade, foram trabalhados três artigos de opinião intitulados respectivamente como: “Videogames violentos não criam assassinos”, (Texto 3; Anexo A;) “Dia da polêmica inútil” (Texto 4; Anexo A;) e “A greve dos coveiros”. (Texto 5; Anexo A;) Em cada um deles pode ser trabalhado um tipo de argumentação. O primeiro apresentava argumentos de sustentação, o segundo de refutação e o terceiro de negociação.

No quarto e quinto encontros respectivamente (ver Apêndice), o trabalho pode ser desenvolvido especificamente com o uso dos operadores argumentativos. A atividade foi desenvolvida de forma coletiva. Os alunos receberam frases soltas em um envelope e, em outro, receberam cópias recortadas de alguns marcadores argumentativos. A proposta consistia em organizar períodos que seriam formados pela junção de frases e concatenados por meio de um dos marcadores fornecidos. O que pode ser observado é que não bastava simplesmente identificar as frases soltas. Era preciso ir buscar a parte que completava essa frase e, ao mesmo tempo, selecionar aquele marcador que melhor se adequasse ao contexto.

Coletivamente, foi completado um quadro-síntese em que, de um lado, já se encontravam as relações discursivas estabelecidas, bem como a função do marcador. A tarefa do aluno seria identificar o marcador argumentativo para completar o quadro partindo dessas duas informações fornecidas.

Em outro momento, foi proposta individualmente uma atividade em que se objetivava unir as orações em um único período por meio dos marcadores argumentativos estabelecendo relação de sentido entre elas. Esperou-se, com esse tipo de atividade, que o aluno não trabalhasse meramente com a classificação desses operadores, identificando-os como conjunção conforme proposto nas gramáticas tradicionais. A reflexão linguística sobre o contexto de uso foi especificamente trabalhada. Foi possível perceber que cada um desses marcadores estabelece um sentido especificamente e o modo como os usamos está relacionado com a nossa intenção comunicativa e com a nossa estratégia argumentativa. Tal proposta de trabalho caracteriza a Análise Linguística discutida no primeiro capítulo deste trabalho.

Dessa forma, uma reflexão consciente dos operadores argumentativos, seja em função de operador seja de conector, garante um melhor encaminhamento quando se pretende imprimir determinadas intenções nos textos produzidos.

Como conclusão desses dois últimos encontros, os alunos foram levados a observar que os enunciados produzidos possuem relações de sentido que devem ser interpretadas, e isso extrapola a mera classificação. Praticar o uso dos marcadores argumentativos oferece melhores condições, não só de tornar o texto coeso e coerente, como também torná-lo estrategicamente mais argumentativo.

No sexto encontro (ver Apêndice), a atividade proposta foi também trabalhar com os operadores argumentativos. Só que desta vez não mais com frases e/ou períodos. Selecionamos uma unidade maior, o texto, para que os alunos pudessem completar algumas lacunas em que estavam omitidos alguns desses marcadores. Em um primeiro momento, a atividade pareceu muito difícil segundo o relato de alguns alunos, mas à medida que foram lendo o texto como um todo e apreendendo o sentido global, tiveram maiores condições de proceder com o encaminhamento.

No sétimo encontro (ver Apêndice), o objetivo concentrou-se em discutir e apreender a estrutura do texto argumentativo. A atividade sugerida foi que trabalhassem com a formulação de teses, argumentos e conclusões. O que pôde ser observado é que nem sempre os argumentos construídos apresentavam consistência no sentido de sustentação da tese apresentada. Alguns dos alunos apresentaram mais desenvoltura do que outros nessa proposta.

No último momento (ver Apêndice), pudemos chegar finalmente à etapa em que a primeira versão dos artigos de opinião seria reescrita. Como essa primeira versão já havia sido coletada em outro momento, seriam agora devolvidas aos alunos para que eles pudessem ter

acesso ao conteúdo que tinham escrito. Além de saberem que os seus textos teriam um destino final, que seria publicado em um blog da escola, os alunos também puderam receber um roteiro para orientar a escrita e posterior revisão dos seus textos. O roteiro apresentava os seguintes fundamentos: adequação do texto a um gênero textual, em específico artigo de opinião, um interlocutor que seria a comunidade escolar como um todo e um suporte de veiculação do texto, no caso o blog da escola. Na ficha de avaliação que faz parte do roteiro, algumas perguntas apresentadas chamavam a atenção para os seguintes itens: “*Adequação à proposta*” - Iniciou o artigo com uma contextualização e/ou apresentação da questão polêmica?; Explicitou a posição assumida?; Apresentou mais de um argumento para sustentar sua opinião?; Recorreu a mais de um tipo de argumento (autoridade, exemplificação, causa/consequência)?; Considerou uma posição contrária e refutou-a?; Fez uso da linguagem formal? No quesito “*Construção da coesão/coerência do texto (textualidade)*” – Utilizou adequadamente alguns dos marcadores textuais estudados?; As frases e/ou orações apresentam-se bem articuladas? Já no critério “*Uso das regras e convenções da gramática normativa*” os questionamentos foram os seguintes – O texto está correto em relação às regras de concordância entre as palavras?; O texto está correto em relação à ortografia?

Em relação à primeira versão dos textos, foi possível observar que a dinâmica e envolvimento dos alunos com a tarefa foi bem maior. A preocupação em produzir um texto que se adequasse à proposta do artigo era a tônica maior da atividade.

Na apresentação dos textos produzidos mantivemos a escrita original de cada um dos alunos. Dessa forma, a preocupação maior não será apresentar uma versão de texto livre de inadequações gramaticais. Além disso, os textos poderão, mesmo depois da revisão feita pelos próprios alunos, ainda apresentar inadequações linguísticas em relação à linguagem padrão.

4 - A ANÁLISE DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Neste capítulo nos deteremos à análise dos operadores argumentativos. A análise dos textos produzidos seguiu procedimentos qualitativos. No primeiro momento procurou-se identificar, em primeiro lugar, a ocorrência dos operadores argumentativos nas duas versões do gênero artigo de opinião e, em segundo lugar, a diversidade de formas objetivando quantificar tanto os operadores quanto as formas.

Em um segundo momento, a análise concentra-se no uso desses operadores visando observar se o emprego dos mesmos atende ao propósito comunicativo almejado. Dessa forma, nessa análise será possível verificar se há uma adequada articulação textual no sentido de uma apropriação desses operadores e o seu efetivo emprego, assim como também se as relações discursivas estabelecidas são construídas para um melhor encaminhamento da argumentatividade.

4.1 A utilização dos operadores argumentativos na primeira versão do gênero artigo de opinião

A produção da primeira versão do gênero artigo de opinião conta com a participação de 17 alunos. A seguir serão apresentados os dados relativos à quantidade de operadores argumentativos, à quantidade de formas utilizadas e também os operadores escolhidos. Para delimitarmos a contagem e análise desses operadores, focaremos nesta pesquisa alguns dos operadores pertencentes à classificação adotada por Koch (2013). Dentre eles, selecionamos aqueles que foram mais recorrentes nos textos produzidos: operadores que assinalam o argumento mais forte de uma mesma escala, operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão, operadores que introduzem uma conclusão, operadores que introduzem argumentos alternativos, operadores que introduzem uma justificativa ou explicação, operadores que contrapõem argumentos.

Tabela 1. Frequência dos operadores argumentativos na primeira versão do artigo de opinião.

Número de operadores e formas <i>Primeira versão do artigo de opinião</i>			
Alunos	Quantidade de operadores	Quantidade de formas	Formas
A1	5	2	e, mas
A2	9	4	pois, e, ou, mas
A3	9	4	por isso, e, pois, ou,
A4	5	3	nem, mas, e
A5	6	3	e, até, mas
A6	11	5	e, mas, porque, tão... que, ou
A7	8	4	mas, porque, ou , e
A8	7	3	e, por isso, ou
A9	2	2	e, porque
A10	8	6	e, mas, ainda, mesmo, porque, apesar de
A11	8	4	e, até , porque, ou
A12	9	6	mas, pois, mais ... do que, e , até, por isso
A13	11	4	e, pois, mas, ainda
A14	10	4	e, mas, porque, ou
A15	9	5	e, nem, pois, ou, mas
A16	14	7	e, até, porque, mas, ou, por isso, pois
A17	8	3	e , pois, porém
TOTAL	139	13	

Ao nos determos na tabela 1, no que se refere ao uso dos operadores argumentativos e das formas utilizadas, percebemos que há uma reduzida frequência desses elementos no que

ser refere às formas utilizadas. De um total de 139 ocorrências, verificamos apenas 13 formas. De maneira geral, constatamos que quatro redatores (A6, A13, A14 e A16) apresentaram em suas produções um total de pelo menos 10 ou mais operadores quando comparado aos demais do grupo. No entanto, o número de formas é bastante reduzido. Como se percebe, a existência desses elementos não foge ao conhecimento dos alunos, mas quando analisamos o funcionamento deles na construção do texto, podemos constatar que não há uma proficiência por parte de alguns redatores porque as ideias apresentadas não são corretamente articuladas, de forma que muitas vezes o operador empregado não cumpre a função esperada. Isso nos leva a supor que há um desconhecimento no que se refere à importância na utilização desses elementos como marcas que instituem força argumentativa aos enunciados e ao gênero trabalhado, o artigo de opinião.

De acordo com Koch (2013), são exatamente esses elementos que acabam por não merecer a devida atenção ou são pouco trabalhados nos livros didáticos e nas aulas de língua portuguesa, uma vez que pertencem às classes gramaticais invariáveis (advérbios, preposições, conjunções, locuções adverbiais, prepositivas, conjuntivas) ou, então, são palavras que não foram incluídas em nenhuma das dez classes gramaticais de acordo com a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por isso merecem uma classificação à parte. E são exatamente palavras como essas as responsáveis, em grande parte, pela força argumentativa dos enunciados. Convém destacar mais uma vez que neste trabalho focaremos nossa atenção no uso dos operadores argumentativos. Estes, de acordo com Ducrot, são elementos da gramática de uma língua que tem por função indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam.

Vejamos os exemplos a seguir extraídos dos textos que apresentaram problemas na sua elaboração, ocasionados por uma má articulação entre as ideias e/ou também pelo uso inadequado do operador.

(A3) As Drogas estão acabando com os jovens de hoje em dia. Por isso que o uso de drogas é um fenômeno bastante antigo na história da humanidade e de toda a sociedade.

Ao analisarmos o operador *por isso* na passagem acima, verificamos que ele não cumpre a função de introduzir uma conclusão relativa ao argumento apresentado anteriormente. Nesse contexto, a passagem “as drogas é um fenômeno bastante antigo na

história da humanidade” não é conclusão para que ela esteja acabando com os jovens de hoje em dia. Percebemos, portanto, um uso inadequado deste operador.

(A4) A maioria das pessoas no Brasil não percebem o que estão fazendo, elas acham que Responsabilidade é só fazer o que querem, a responsabilidade é uma palavra que não se ver em todos os lugares e nem se fala muito que vai assumir aquilo o que deve.

Nessa passagem acima, observamos que o uso do operador *nem* foi utilizado com a função de somar argumentos a favor de uma mesma conclusão. No entanto, percebemos que o seu uso fica comprometido porque a organização desses argumentos na passagem apresenta-se incoerente. É preciso ressaltar que o uso do operador por si só não garante a argumentatividade. O encadeamento dos argumentos de forma coerente, aliado ao correto emprego do operador, é que instaura a textualidade e a força argumentativa aos enunciados.

(A7) Aborto é uma coisa que muitas pessoas são contra mais algumas pessoas não são, como eu não sou a favor por que todas as pessoas tem direito de nascer isso era para ser crime isso é como se tivesse tirando a vida de uma pessoa.

Na passagem observada, constatamos que a utilização dos operadores *mas* e *porque* ocorreu de forma correta. No entanto, observamos uma inadequação ortográfica que não compromete a função desempenhada por esses elementos.

(A17) O idoso não só sofre preconceito na rua ele também sofre preconceito em casa com seus próprios familiares por exemplo batem nele etc. Por isso devemos respeitar esse idoso pois um dia seremos igual a ele e nós velhos não queremos ser maltratados quando chegarmos a velhice.

Ao analisarmos o uso do *por isso* nesse contexto pensamos à primeira vista que o seu uso na estaria adequado como operador de conclusão. No entanto, verificamos ao analisar mais detidamente todo o contexto da frase, que o uso do *por isso* parece ser justificado quando o aluno mais à frente acrescenta que um dia também seremos idosos e por isso devemos respeitá-los. Na mesma passagem, a utilização do *pois* como elemento explicativo

ocorreu de maneira adequada, uma vez que a argumentação pretendida é de que devemos respeitar o idoso porque um dia seremos igual a ele.

4.2 A utilização dos operadores argumentativos na segunda versão do gênero artigo de opinião

Apresentaremos a seguir uma tabela comparativa que mostra o número de operadores e formas utilizadas nas produções textuais tanto na primeira versão quanto na segunda versão do gênero artigo de opinião.

Tabela 2. Frequência dos operadores argumentativos nas duas versões do artigo de opinião.

Número de operadores e formas				
	<i>1ª versão do artigo de opinião</i>		<i>2ª versão do artigo de opinião</i>	
Alunos	Qtd.Operadores	Qtd.Formas	Qtd.Operadores	Qtd.Formas
A1	5	2	8	3
A2	9	4	15	5
A3	9	4	12	6
A4	5	3	5	2
A5	6	3	8	4
A6	11	5	10	3
A7	8	4	9	4
A8	7	3	4	4

A9	2	2	5	4
A10	8	6	5	2
A11	8	4	10	6
A12	9	6	7	4
A13	11	4	4	2
A14	10	4	13	4
A15	9	5	8	4
A16	14	7	11	5
A17	8	3	9	8
Total	139	13	143	

Ao compararmos os dados obtidos no uso de operadores e formas nas duas versões do artigo de opinião, pode se chegar a diferentes resultados. O primeiro deles é que houve uma elevação na quantidade de operadores e de formas em pelo menos nove dos dezessete participantes, como se pode demonstrar na tabela abaixo.

Tabela 3. Frequência dos operadores argumentativos nas duas versões do artigo de opinião

Número de operadores e formas				
	<i>1ª versão do artigo de opinião</i>		<i>2ª versão do artigo de opinião</i>	
Alunos	Qtd.Operadores	Qtd.Formas	Qtd.Operadores	Qtd.Formas
A1	5	2	8	3
A2	9	4	15	5

A3	9	4	12	6
A5	6	3	8	4
A7	8	4	9	4
A9	2	2	5	4
A11	8	4	10	6
A14	10	4	13	4
A17	8	3	9	8

Após a sequência de atividades que foram programadas para se trabalhar com os operadores argumentativos observamos que houve uma elevação desses elementos linguísticos em nove dos dezessete participantes. Apresentamos abaixo partes de alguns textos em que o número de operadores sofreu variação para mais. Foram selecionados os textos dos redatores A7, A14 e A17 para ilustrar o exposto.

(A7) As drogas são prejudiciais para nossa vida e nossa saúde, afeta não só a você, mas sua família também.

As drogas tipo maconha, cocaína, craque e outras pelo que eu vejo em hoje em dia sim é fácil conseguir, principalmente bebida alcoólica, cigarro, aí eu penso e questiono quem quer ter em sua casa drogas, aquela plantinha maldita sabe, o pé de maconha, a galera diz que experimenta a primeira vez é bem alucinante.

Na passagem apresentada, observamos o uso dos seguintes operadores: *não só... mas também, e*. O principal argumento defendido pelo redator A7 são os efeitos nocivos das drogas nos seus usuários e também naqueles que estão próximos desse usuário, no caso a

família. Para evidenciar tal posicionamento utiliza o operador não só... *mas também* e cria uma relação de soma de argumentos a favor de uma mesma conclusão.

(A14) Os amigos nesses momentos eles nem sempre ajudam, alguns influenciam para eles usarem drogas. Muitos desses adolescentes que usam drogas, procuram preencher o vazio que está dentro deles, pois a droga dar um prazer momentâneo, mas quando o efeito da droga acaba eles voltam a ter o vazio de antes.

A droga está destruindo a juventude de hoje em dia, muitas pessoas está se acabando, pensando que eles vão se dar bem, mais (mas) verdade só vai prejudicar a vida deles.

A argumentação defendida pelo redator A14 é a de que o uso de drogas não compensa em hipótese alguma porque os possíveis ‘prazeres’ que ela provoca no organismo são rápidos e depois o seu usuário volta a sentir o mesmo vazio que sentia antes. Para defender tal posicionamento, o redator utiliza o operador de explicação *pois* com a finalidade de justificar a razão de alguns adolescentes fazerem o uso de drogas, ou seja, o fazem com a finalidade de preencherem o vazio que há dentro deles. No enunciado posterior, o uso do operador *mas* foi utilizado com uma finalidade contrastiva porque, se observarmos a relação que há com o enunciado anterior, podemos verificar que, se por um lado o uso da droga provoca um prazer por mascarar o vazio que há na vida de alguns jovens, por outro lado, ao usar o *mas*, constatamos que tão logo passa o efeito da droga o mesmo vazio de antes volta a se instalar.

(A17) O preconceito é uma forma de exclusão das pessoas para com outras. Existem vários tipos de preconceito contras negros, obesos, deficientes, nordestinos, discriminam até as religiões dos outros.

O idoso é discriminado por várias formas, uma delas é quando o idoso vai pegar ônibus. O motorista olha para ele e passa direto. A maioria das vezes apenas porque o idoso demora a subir ou descer do ônibus. É claro, se fosse uma loira e ela estivesse a 200 metros de distância do ônibus, o motorista esperaria sem pestanejar.

Na passagem apresentada, observamos que são utilizados os seguintes operadores: *até*, *e*, *porque*, *ou*. O argumento mais forte que prevalece no texto como um todo é a discriminação contra a pessoa do idoso. No primeiro parágrafo transcrito, observamos que o redator começa definindo o que é preconceito e, ao mesmo tempo, exemplifica os diversos

tipos e assinala um argumento forte com o uso do operador *até*, ou seja, na sociedade não existe preconceito só contra as pessoas em si, mas até contra aquilo que elas praticam, no caso a religião. No segundo parágrafo utiliza o operador *e*, que tem valor de contraposição, uma vez que o esperado por parte do motorista seria que ele, ao ver o passageiro, no caso o idoso, parasse. O redator, nessa parte, cria uma relação de adversidade. No enunciado seguinte, utiliza os operadores *porque* e *ou*, criando uma relação de explicação como o enunciado anterior e também estabelece uma relação de alternância ao utilizar o *ou* que, no caso apresentado, evidencia as duas razões pelas quais o motorista não para quando vê pessoas idosas na parada de ônibus. A segunda ocorrência do *e* estabelece uma relação de adição com o enunciado anterior.

Os resultados dos demais participantes (A6, A8, A10, A12, A13, A15, A16) indicam que na segunda versão do artigo de opinião houve uma utilização inferior de operadores em alguns casos e de formas em outros. Acreditamos que, apesar de ter havido uma redução no número de operadores nessa segunda versão do texto, não houve um comprometimento no que se refere à instauração da argumentação, uma vez que a seleção e a combinação de argumentos também mostrou-se como fator importante para garantir a argumentatividade. É preciso ressaltar que mesmo considerando os operadores argumentativos como importantes marcas linguísticas para instaurar a argumentatividade em nível propriamente linguístico eles não podem ser vistos como exclusivos nesse processo. Consideramos que a organização dos textos pode dar-se por outros meios e de diferentes formas. Observamos que alguns textos sofreram várias modificações de forma que na reescrita os redatores os organizaram diferentemente da primeira versão. Como exemplo, apresentaremos o texto do redator A (10) em que foi possível observar isto.

Redator - A10

1ª versão – Artigo de opinião

Aborto na Adolescência

Dentre os motivos que levam um casal de namorados jovens a abortar uma gravidez indesejada, um deles está relacionado ao medo. O medo por ter um filho e ter uma grande responsabilidade, o medo de não ter, após a gravidez, a mesma vida, a mesma liberdade que se tinha antes. O medo de perder a juventude...

Mas sera que, ao invés de ter que aborta um filho, que é um ser com vida, inocente, que não tem culpa da irresponsabilidade dos pais, os casais adolescentes deveriam ser mais responsáveis.

Eles poderiam ter responsabilidade e maturidade usando camisinha e tomando Pirulas.

É tão Facil compra um preservativo e ainda mais fácil pegar na farmácia, onde é dado de graça. Porque Apesar delas ser os pais não tem direito de matar um ser humano inocente, mesmo que eles tenham medo que de pra Adoção.

No texto acima, identificamos um total de oito operadores de seis formas. Já na segunda versão, observamos que o texto sofreu alterações como identificamos abaixo, sendo que o número de operadores caiu para cinco e o número de formas para dois.

2ª versão – Artigo de opinião

Aborto na Adolescência

Eu sou totalmente contra o aborto. Não tem nenhuma justificativa para a prática do aborto. O casal deve ter mais responsabilidade e maturidade usando camisinha e tomando pirulas (pímulas). É tão fácil comprar um preservativo e ainda mais fácil pegar na farmácia onde é dado de graça.

Por que apesar deles serem os pais não tem direito de matar um ser humano inocente.

Dentre os motivos que levam um casal de namorados jovens a abortar uma gravidez indesejada, um deles está relacionado ao medo. O medo por ter um filho e ter uma grande responsabilidade, o medo de não ter após a gravidez a mesma vida, a mesma liberdade que se tinha antes, o medo de perder a juventude...

Ao invés de ter que abortar um filho, que é um ser com vida, inocente, que não tem culpa da irresponsabilidade dos pais, eles devem mandar pra adoção e não abortar.

Ao analisarmos essa diminuição no número de operadores nos textos da segunda versão de alguns dos redatores, percebemos que essa situação não era a esperada quando levantamos a hipótese inicial de que haveria uma elevação no uso de operadores e de formas.

Como já salientamos, a nova organização textual da segunda versão possibilitou uma redução desses operadores.

Um ponto que chamou a atenção nas produções textuais da primeira versão é que alguns textos, mesmo apresentando a presença dos operadores argumentativos, apresentavam ainda problemas na sua macroestrutura, principalmente no que se refere à elaboração da tese e o encaminhamento dos argumentos. Se tomarmos alguns enunciados dessas produções isoladamente, perceberemos que os mesmos encontram-se sem inadequações do ponto de vista da utilização dos operadores. No entanto, tomados em relação ao texto como um todo, apresentam-se fragmentados. Isso nos revela que o conhecimento da função dos operadores argumentativos como elementos responsáveis por imprimir força argumentativa aos enunciados não é condição suficiente para que a produção se mostre bem consolidada. Parece-nos que duas condições se mostram como importantes: uma tese bem sólida com encaminhamento de argumentos consistentes e válidos para o que se pretende defender como ponto de vista, bem como a utilização dos operadores argumentativos.

Passaremos a expor trechos dos textos da primeira e da segunda e comparativamente observaremos como o redator encaminhou essa nova versão, bem como procederemos à análise que se refere à elaboração da tese e apresentação dos argumentos. Os textos selecionados pertencem aos redatores A2, A3, A8 e A10.

Um ponto observado na primeira versão diz respeito à elaboração da tese que não se apresentou de forma bem delineada na primeira versão. Partiu-se de um tema e sobre ele passou-se a fazer uma exposição. Considerando-se que o gênero artigo de opinião defende uma tese a partir de uma questão polêmica, seria esperado que, no parágrafo inicial, o redator expusesse de forma mais precisa a questão a ser tratada.

Redator-A2

1ª versão – Artigo de opinião

A gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência tem causado muito transtorno entre familiares, a reação de muitos pais são exagerada expulsam de casa, chingam faz muitas coisas erradas no meu ponto de vista os pais devem acolher pois todo mundo erra.

Redator A2 2ª versão – Artigo de opinião

A gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência tem causado muito transtorno entre familiares. Eu acredito sim que a gravidez na adolescência é um problema pois causa mais discussão entre familiares. Os pais expulsam de casa, mas não devem fazer isso pois todo mundo erra na vida.

Como constatamos no texto da segunda versão, verificamos que o redator expõe com muita clareza o que ele se propõe a defender, ou seja, diz que a gravidez na adolescência é sim um problema.

Redator-A3

1ª versão – Artigo de opinião

O uso de Drogas na Juventude

As Drogas estão acabando com os jovens de hoje em dia. Por isso que o uso de drogas é um fenômeno bastante antigo na história da humanidade e de toda a sociedade.

Redator A3 2ª versão – Artigo de opinião

O uso de Drogas na Juventude

As drogas estão acabando com os jovens de hoje em dia. Na minha opinião, acredito que os viciados devem ser internados compulsoriamente.

A tese defendida pelo redator A3 é a de que os viciados em drogas devem ser internados compulsoriamente. Não se limita a expor que as drogas representam um problema na vida daqueles que a consomem, como se limitou a fazer na primeira versão da produção.

Redator-A8

1ª versão – Artigo de opinião

A maior idade penal

A Maior idade penal no Brasil é de 18 anos. Em outros países tem menores que o Brasil como na Dinamarca que é 15 anos na Alemanha e 14 anos na Itália também 14 anos na França 13 anos na Holanda 12 anos na Escócia também 12 anos, e o menor que é a Inglaterra que é 10 anos e outros.

Redator A8 2ª versão – Artigo de opinião

Redução da maioridade penal

A maioridade penal no Brasil deve sim ser reduzida, mesmo havendo pessoas que são contra.

Muitos jovens nos dias de hoje se envolvem no mundo do crime deixando se envolver por pessoas erradas e outros. Muitos jovens considerados “incapaz” pela lei sabem muito bem definir o que é certo e errado ainda que digam que não.

Na primeira versão do texto, o redator A8 limitou-se a fazer uma exposição sobre a maioridade penal em diferentes países. Com isso, apresentou que no Brasil a maioridade penal era estabelecida com a idade de 18 anos. No entanto, não podíamos verificar qual a tese defendida. Nesta nova versão, claramente percebemos que o redator se posiciona afirmando que a maioridade penal no Brasil deve sim ser reduzida.

Redator-A10

1ª versão – Artigo de opinião

Aborto na Adolescência

Dentre os motivos que levam um casal de namorados jovens a abortar uma gravidez indesejada, um deles está relacionado ao medo. O medo por ter um filho e ter uma grande responsabilidade, o medo de não ter, após a gravidez, a mesma vida, a mesma liberdade que se tinha antes. O medo de perder a juventude...

Redator-A10 2ª versão – Artigo de opinião

Aborto na Adolescência

Eu sou totalmente contra o aborto. Não tem nenhuma justificativa para a prática do aborto. O casal deve ter mais responsabilidade e maturidade usando camisinha e tomando pílulas. É tão fácil comprar um preservativo e ainda mais fácil pegar na farmácia onde é dado de graça.

Posicionando-se totalmente contra a prática do aborto, o redator A10 elabora uma tese que dá muita sustentação ao tema tratado. Além disso, os argumentos que são apresentados contribuem para fundamentar melhor a tese. Dentre os argumentos apresentados, verificamos que a prevenção de uma gravidez indesejada se constitui como a principal atitude daqueles que, porventura, pensam na prática do aborto. O ato em si é totalmente inaceitável do ponto de vista do redator porque havendo uma forma de prevenção não se justificaria tal prática, uma vez que “os pais não tem direito de matar um ser humano inocente”.

De acordo com os exemplos apresentados acima em relação aos textos da primeira versão, percebe-se que a dificuldade está estruturalmente na adequação do texto às características do gênero artigo de opinião, muito embora percebamos que também há uma reduzida quantidade de operadores argumentativos. Observa-se que os redatores não foram capazes de delimitar com precisão a tese que defenderiam em suas produções. Se não fica bem delineado o que se pretende defender, o texto como um todo acaba ficando comprometido. Pensando-se numa proposta de atividade que contribuísse para se trabalhar o problema, desenvolvemos a atividade 6 do anexo b. Nesta atividade, foi possível explorar isoladamente variadas questões polêmicas, bem como a elaboração da tese e a apresentação de argumentos. Desta forma, percebemos que os alunos sentiram-se mais capazes de compreender a importância da elaboração da tese e da seleção dos melhores argumentos.

Por meio do desenvolvimento das atividades 3 e 4 do anexo b, podemos verificar que a diversidade de operadores passou a ser mais significativa na segunda versão do artigo de opinião, bem como a proficiência com que foram utilizados. A compreensão de como cada operador funciona no contexto de uma frase pode ser treinada de forma mais específica, de maneira que nas produções o resultado foi muito proveitoso. A seguir, faremos uma exposição dos operadores que foram mais recorrentes e estiveram presentes na maioria das produções da segunda versão dos textos analisados.

Os operadores que mais se repetiram em todas as produções analisadas foram o *e*, *mas*, *pois*, *porque*, *ou*. Em boa parte das produções esses operadores estiveram presentes, se repetindo mais de uma vez como é o caso do *e*, do *mas*, e do *ou*. Apresentaremos a seguir alguns exemplos extraídos dos textos dos redatores em que isso se verificou com mais frequência.

Redator A2

A maioria das vezes jovens sofrem depressão pós parto e até pode durar anos e anos para se curar e a causa disso a maioria das vezes é causado por discussão ou medo de ser expulsa de casa ou o abandono da família e algumas delas pensam em destruir a própria vida./ Eu acredito sim que a gravidez na adolescência é um problema pois causa mais discussão entre familiares. Os pais expulsam de casa, mas não devem fazer isso pois todo mundo erra na vida./ Eu acredito que a gravidez na adolescência é um problema sim, mas que podemos evitar, mas não abortando, pois dentro de nós tem uma vida.

Redator A3

A droga é muito perigosa e se você não tratar logo desse vício você vai sofrer muito no futuro ou talvez até mesmo leva a morte./ As drogas tem destruído famílias e mesmo assim não criam leis. As leis chegam até a ajudar, pois um viciado em crack ou em qualquer outros tipo de droga em vez de ser apreendido são sultos como qualquer cidadão de bem.

Redator A7

Sou contra a prática do aborto, mais várias pessoas não são contra essa prática./ A pessoa que esta grávida não ia gostar que quando ela teve-se na barriga fizessem isso com ela, é mais é assim cada um tem a sua opinião mais eu sou contra o Aborto./ Mais temos que pensar sempre antes de fazer um ato como esse.

Redator A11

Na minha opinião, é correto todas as pessoas que são viciadas em drogas devem procurar uma internação para poderem se tratar porque a droga é muito perigosa e se você não tratar logo você pode sofrer muito no futuro ou talvez até morrer./ Muitos jovens ou

adultos são influenciados por aqueles que são usuários, portanto eu acho que todas aquelas pessoas em geral que são usuárias devem deixar as drogas ou fazer tratamentos enquanto é possível porque depois pode ser tarde demais.

Baseando-nos nesses exemplos, verificamos que, após o desenvolvimento da sequência didática, os textos produzidos apresentaram uma melhora significativa na utilização dos operadores argumentativos, demonstrando que a abordagem dessas marcas com ênfase no seu valor semântico-argumentativo possibilita ao redator utilizá-las como elementos corroboradores da estratégia argumentativa em direção ao convencimento do leitor.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, a argumentação foi discutida sob o ponto de vista teórico e também pedagógico, com a intenção de analisar a apropriação dos operadores argumentativos na produção do gênero textual artigo de opinião. Foi possível analisar como os operadores foram utilizados nas produções, bem como se essa utilização cumpria com a função desempenhada pelo operador e também se atendia ao propósito comunicativo pretendido na produção. De maneira geral, essa avaliação pode ser feita em duas produções textuais do mesmo gênero. Na primeira versão, os alunos produziram livremente sobre um tema polêmico a partir de seus conhecimentos tanto no que se refere ao gênero solicitado quanto no que se refere ao conhecimento que dispunham sobre os operadores argumentativos. Porém, para que a segunda produção fosse desenvolvida foi aplicada a proposta de sequência didática. Com isso, pretendeu-se verificar e analisar comparativamente as duas versões de textos e apresentar resultados sobre a ação intervencionista desenvolvida.

Verificamos a frequência de uso e a diversidade dos operadores em 17(dezessete) produções dos redatores. Na primeira versão dos textos produzidos observamos que de um total de 139 ocorrências, verificamos apenas 13 formas. De maneira geral, constatamos que quatro redatores (A6, A13, A14 e A16) apresentaram em suas produções um total de pelo menos 10 operadores quando comparado aos demais do grupo. No entanto, o número de formas apresentou-se bastante reduzido.

Na segunda versão dos textos produzidos observamos que houve uma elevação na quantidade de operadores e de formas em pelo menos nove dos dezessete participantes. Esses dados nos revelam que as atividades e discussões acerca dos operadores argumentativos influenciaram nos resultados obtidos. O enfoque dado aos operadores argumentativos nas atividades da sequência didática como elementos importantes na argumentatividade dos textos, certamente foi decisivo para que esses elementos fossem compreendidos como recursos característicos da construção de uma sequência argumentativa e constituintes importantes na elaboração do gênero artigo de opinião. Esse enfoque nos revelou que esses elementos linguísticos passaram a ser vistos não apenas como elementos meramente relacionais, como aparece nas abordagens pautadas nas regras do ensino normativo. Entendê-los como elementos linguísticos que cumprem uma função semântico-argumentativa na

composição dos enunciados é extremamente valioso, principalmente quando se pretende agir sobre o outro de modo persuasivo.

Os resultados dos demais participantes (A6, A8, A10, A12, A13, A15, A16) indicam que na segunda versão do artigo de opinião houve uma utilização inferior de operadores em alguns casos e de formas em outros. Acreditamos que, apesar de ter havido uma redução no número de operadores nessa segunda versão do texto, não houve um comprometimento no que se refere à instauração da argumentação, uma vez que a seleção e a combinação de argumentos também mostrou-se como fator importante para garantir a argumentatividade. É preciso ressaltar que mesmo considerando os operadores argumentativos como importantes marcas linguísticas para instaurar a argumentatividade em nível propriamente linguístico eles não podem ser vistos como exclusivos nesse processo. Consideramos que a organização dos textos pode dar-se por outros meios e de diferentes formas. Observamos que alguns textos sofreram várias modificações de forma que na reescrita os redatores os organizaram diferentemente da primeira versão. Como exemplo, apresentaremos o texto do redator A (10) em que foi possível observar esse fato.

No que se refere às relações discursivas estabelecidas com base no uso dos operadores argumentativos nas produções das duas versões, observamos a instauração da argumentatividade. Convém destacar que os textos da segunda versão, conforme prevíamos, após a sequência didática, apresentaram maior força argumentativa nos enunciados, embora os textos apresentassem inadequações ortográficas e problemas com a pontuação. Os resultados verificados nos textos da segunda versão encontram-se diretamente relacionados com as discussões ocorridas durante o desenvolvimento da sequência didática, principalmente no que se refere ao uso dos operadores e às relações discursivas por eles estabelecidas.

Um ponto que chamou a atenção nas produções textuais da primeira versão é que alguns textos, mesmo com a presença dos operadores argumentativos, apresentavam ainda problemas na estrutura do gênero artigo de opinião, principalmente no que se refere à elaboração da tese e o encaminhamento dos argumentos. Este fato nos evidenciou que duas condições se mostram como importantes: uma tese bem sólida com encaminhamento de argumentos consistentes e válidos para o que se pretende defender como ponto de vista, bem como a utilização dos operadores argumentativos.

Em relação à segunda versão dos textos percebemos que houve uma melhor apropriação da estrutura do texto argumentativo, tipo textual predominante no gênero artigo de opinião. Nesse sentido, percebemos que houve uma melhor apropriação de elementos da

estrutura linguística, da estrutura composicional e a observação dos redatores no que se refere aos aspectos funcionais que envolvem o artigo de opinião.

O trabalho com a argumentação nos evidenciou que é tarefa dos docentes, desde cedo, começarem a explorar presença da argumentação nos mais variados gêneros textuais, uma vez que está presente em qualquer atividade de interação, em qualquer gênero, seja ele oral, sinalizado ou escrito. Portanto, é essencial que esses elementos linguísticos possam ser aprendidos numa perspectiva que não a meramente classificatória, como elementos relacionais apenas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e prática**. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, M; **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BRASIL. MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1ª a 4ª séries)**. Brasília, 1997.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries)**. Brasília, 1997.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **A força das palavras: dizer e argumentar**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard, NOVERRAZ, Michèle. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: **Gêneros orais e escritos na escola** / Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004.
- DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- _____. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- _____. **Polifonia y Argumentación: Conferências del seminário Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso**. Cali: Universidade del Valle, 1988.
- FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SEE/ CENP, 1991.
- GARCIA, Othom M. **Comunicação em prosa moderna**. 27ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- GAGLIARDI, E.; AMARAL, H. **Pontos de vista**. São Paulo: Petrópolis, 2004.
- GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, São Paulo: Mercado Aberto, 1996.
- _____. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2002.
- GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2001.
- KOCH, I.G.V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, I.G. V. **Desvendando os segredos do texto.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Argumentação e linguagem.** São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **A coesão textual.** 22ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, M.de. **Jornalismo Opinitivo.** 3ed. Campos do Jordão; Mantiqueira, 2003.

MENDONÇA, Márcia. Análise Linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (et. Al). **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola, 2006.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do; ESPÍNDOLA, Lucienne Claudete. Os Operadores Argumentativos na Sala de Aula: Uma análise do conectivo mas em gramáticas escolares. In **Revista do GELNE**, volume 5, nº 1 e 2 – João Pessoa: Ideia, 2003.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. O gênero textual/discursivo relatório e sua estrutura semântico – argumentativa: operadores argumentativos e modalizadores discursivos. In **Revista Prolíngua**, volume 5, nº 2. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2010.

_____. Gêneros textuais, argumentação e ensino. In **A didatização de gêneros.** PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). João Pessoa: EDUFPB, 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** São Paulo: Contexto, 2004.

PEREIRA, Maria Elisaudia de Almeida. **A construção da argumentatividade em artigos de opinião produzidos por alunos do ensino médio.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC, Fortaleza, 2008.

RAMIRES, V. **Panorama dos estudos sobre gêneros textuais.** *Investigações* (Recife), Recife, v. 18, n. 18, p. 39-67, 2005.

RODRIGUES, H. R. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem.** In: *Gêneros: teorias, métodos, debates.* São Paulo: Parábola, 2005.

TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VILELA Mário; KOCH, Maria Ingedore Vilaça. **Gramática da Língua Portuguesa: gramática de palavra, gramática de frase e gramática de texto/discurso.** Coimbra: Almedina, 2001.

VOGT, C. **O Intervalo Semântico**. São Paulo: Ática, 1977.

VOLOCHINOV, V. (BAKHTIN, M.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 1999.

APÊNDICE

Plano de Encontros

1º Encontro

Objetivo:

- Reconhecer características próprias do gênero artigo de opinião.

Conteúdo:

- Meios em que circulam o gênero artigo de opinião;
- Caracterização do gênero artigo de opinião: questão polêmica, tese, argumentos que a justificam, conclusão, propósito comunicativo, condições de produção e de recepção.

Procedimentos metodológicos

- Leitura do artigo de opinião “Proibir publicidade resolve os problemas”?
- Discussão de aspectos como autor, meio de publicação, público leitor, questão polêmica, posição do autor, argumentos utilizados e objetivo do autor.

Material

- Jornais.
- Artigos de opinião.
- Cópias de textos utilizados.

Avaliação

- Participação nas discussões.
- Realização das atividades solicitadas.

2º Encontro

Objetivo:

- Reconhecer a importância da tomada de posição do autor.
- Identificar argumentos favoráveis e contrários à questão abordada no artigo de opinião.

Conteúdo:

- Estrutura da argumentação (tese, argumentos, conclusão) e marcas linguísticas.
- Argumentos favoráveis e desfavoráveis.
- Tipos de argumentos.

Procedimentos metodológicos:

- Atividade realizada de forma individual a partir da leitura de fragmentos do artigo de opinião “Grávidas no contrafluxo”.
- Identificação dos argumentos que são favoráveis ou desfavoráveis, bem como palavras que os introduzem.

Material:

- Jornais.
- Artigos de opinião.
- Cópias de textos e exercícios

Avaliação

- Participação nas discussões.
- Realização das atividades solicitadas.

3º Encontro

Objetivo:

- Identificar em artigos lidos os operadores argumentativos utilizados.
- Reconhecer as relações de sentido estabelecidas pelos operadores argumentativos.

Conteúdo:

- Operadores argumentativos
- Relações de sentido estabelecidas.
- Orientação discursiva estabelecida.
- Tipos de argumentos:
 - Sustentação
 - Refutação
 - Negociação

Procedimentos metodológicos:

- Leitura de três artigos de opinião diferentes: “Videogames violentos não criam assassinos”; “Dia da polêmica inútil”, “A greve dos coveiros”.
- Identificação dos marcadores argumentativos presentes nos textos, bem como a relação de sentido estabelecidas.
- Reconhecimento dos tipos de argumentos nos diferentes textos.

Material:

- Cópias de textos e exercícios.

Avaliação:

- Participação nas discussões.
- Realização das atividades solicitadas.

4º e 5º Encontros

Objetivo:

- Reconhecer e utilizar mecanismos de articulação entre orações, períodos e/ou parágrafos e introdutores de argumentos em artigos de opinião.

Conteúdo:

- Marcadores argumentativos.
- Relações de sentido estabelecidas.

Procedimentos metodológicos:

- Atividade desenvolvida de forma coletiva. Os alunos receberam frases soltas em um envelope e em outro receberam os marcadores argumentativos. A tarefa tem por finalidade organizar as frases utilizando os marcadores.
- Elaboração de um quando-síntese fazendo a relação entre o marcador e a relação discursiva estabelecida.

Material:

Cópias de textos e exercícios.

Avaliação:

- Participação nas discussões.
- Realização das atividades solicitadas.

6º Encontro

Objetivo:

- Reconhecer e utilizar mecanismos de articulação entre orações, períodos e/ou parágrafos em um artigo de opinião.

Conteúdo:

- Operadores argumentativos.
- Relações de sentido estabelecidas.

Procedimentos metodológicos:

- Preenchimento individual de um artigo de opinião utilizando o marcador argumentativo que melhor se adeque.

Material:

- Cópias de texto lacunado.

Avaliação:

- Realização da atividade proposta;

7º Encontro**Objetivo:**

- Elaborar teses e argumentos e conclusão.

Conteúdo:

- Estrutura do texto argumentativo.

Procedimentos metodológicos:

- Atividade realizada de forma individual a partir de temas polêmicos previamente fornecidos.

Material:

- Cópias de atividades.

Avaliação:

- Realização da atividade proposta.

8º Encontro

Objetivo:

- Transformar o texto dissertativo da primeira versão em artigo de opinião.

Conteúdo:

- Roteiro de revisão para adequação do texto ao gênero solicitado.

Procedimentos metodológicos:

- Os alunos receberam a primeira versão dos textos produzidos.
- Leitura e discussão de um roteiro de revisão.

Adequação do texto da segunda versão aos itens do roteiro de revisão.

Material:

- Cópias de roteiro.

Avaliação:

- Realização da atividade proposta.

ANEXOS

Anexo A- Textos utilizados

Texto 1 – Proibir publicidade resolve os problemas?

Diariamente são divulgados estudos que mostram o quanto a população está sujeita a riscos.

De danos causados pelo consumo excessivo de sal ao uso de celulares, exemplos mostram o quanto é arriscado viver nos dias de hoje. Vivemos a era da informação, com os seus benefícios e dilemas. Nesse cenário, entra a publicidade, que, se por um lado nos traz informação, por outro gera polêmica quando voltada a crianças e adolescentes. Mas será que proibir a publicidade de alimentos e bebidas acabará com a obesidade e com o consumo de álcool? Será que, extinguindo a publicidade, desaparece o desejo de consumir das crianças e adolescentes? Será que, sem propaganda, os problemas desaparecerão, ou estamos enxergando só a ponta do iceberg ao atacar um suposto causador de um problema bem mais complexo?

É evidente que crianças e adolescentes merecem atenção e cuidados especiais e que têm direito a proteção enquanto consumidores, mas exemplos mostram que proibir não é a melhor solução.

Toda proibição, além de não inibir o consumo, gera distorções econômicas e sociais, e o maior prejudicado é o consumidor, seja ele criança, adolescente ou adulto. Em vez de pensar em novas leis (e há mais de 200 projetos sobre o assunto em tramitação no Congresso), a ação eficaz é fazer com que as já existentes sejam efetivamente cumpridas, como a lei que proíbe a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos. No mercado de publicidade, vale lembrar a experiência bem-sucedida do Conar, que tira do ar anúncios de empresas que infringem os códigos de autorregulamentação acordados por diversos setores da nossa economia. A publicidade destinada ao público infantil não fica fora desse contexto. Recentemente, a Associação Brasileira de Anunciantes, a Associação Brasileira da Indústria de Alimentos e 26 empresas assinaram um compromisso público que trata da comunicação de alimentos e

bebidas dirigida ao público infantil, mostrando que setores organizados podem propor códigos específicos, seguidos de forma voluntária, com maior eficiência. Vale ainda recordar os exemplos de melhoria na qualidade de vida das pessoas quando bem informadas, resultante de campanhas na mídia patrocinadas por empresas privadas, que ajudaram no desenvolvimento de políticas públicas de educação, de saúde, de higiene, de prevenção do uso de drogas e do consumo de álcool. Sem dúvida, o papel decisivo na educação de crianças e adolescentes cabe aos pais e às famílias. Essa tarefa não pode ser terceirizada ou delegada. Em vez de buscar "culpados" para os problemas sociais, é muito mais produtivo agir na consolidação de uma sociedade livre, educada, informada e capaz de tomar suas próprias decisões sem a tutela do Estado. É preciso educar nossos jovens para o consumo consciente, de forma a dar a eles poder para que, ao se tornarem adultos, possam exercer sua liberdade da maneira mais responsável possível.

PATRICIA BLANCO é presidente-executiva do Instituto Palavra Aberta.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2106201108.htm>> Acesso em: 25 out.2013.

Texto 2 – Grávidas no contrafluxo

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) lançou a pesquisa Indicadores Sociais 2007, e um dos dados que mais chamou a atenção foi o número de adolescentes que tiveram filhos nos últimos dez anos. Em 1996, 6,9% das garotas entre 15 e 17 anos já eram mães. Esse número subiu para 7,6% em 2006. Você pode até pensar que o aumento não foi tão grande assim, se não fosse por um detalhe: essa é a única faixa etária em que a taxa de fecundidade aumentou. Ou seja, as mulheres estão tendo menos filhos e as adultas estão esperando mais para se tornarem mães. Só as adolescentes vêm no contrafluxo. Para se ter uma ideia, na faixa dos 18 aos 24 anos, a fecundidade caiu de 38% para 34,9% durante os últimos dez anos. Quer mais um número impressionante? De todos os partos realizados pelo SUS (Sistema Único de Saúde) no ano passado, quase 16% deles envolveram garotas com menos de 19 anos, ou seja, elas engravidaram ainda na adolescência.

Esse aumento de mães adolescentes é bastante preocupante. Não é só por causa da questão emocional que a gravidez na adolescência deve ser evitada. Vendo sob o aspecto da saúde, a gestação precoce é considerada de alto risco, mesmo que a garota seja muito

saudável. Como o corpo da adolescente ainda não está completamente desenvolvido, as condições para a realização do parto são mais complicadas. Além disso, os bebês gerados por adolescentes têm uma tendência maior a nascerem prematuros e abaixo do peso normal — o baixo peso, menos de 2,5 quilos ao nascer, é um dos fatores de risco para a mortalidade infantil. A chance de uma gestante adolescente ter hipertensão (pressão alta na gestação), por exemplo, é cinco vezes maior do que uma mulher adulta. O risco de desenvolver anemia durante a gravidez também é maior entre as adolescentes. A coisa é bem séria: a gestação precoce é a terceira causa de morte de garotas entre 15 e 18 anos no Brasil.

Outro ponto a ser levado em consideração é a evasão escolar. Pense bem: se às vezes já é difícil levar os estudos direitinho sem ter que cuidar de um bebê, imagine uma garota que tem de amamentar, trocar fralda, preparar papinha e que não vai conseguir dormir bem porque seu bebê chora a noite inteira! Sem contar que muitas ficam com vergonha de voltar para a escola depois de terem seus bebês. Por isso, tantas meninas saem da escola quando engravidam. Um estudo feito pela ONU, com mais de 10 mil brasileiros na faixa etária de 15 a 17 anos, mostra que 56% dos jovens que abandonam a escola são garotas. Um quarto delas parou de estudar porque engravidou na adolescência. Isso torna a gravidez precoce a maior causa de evasão escolar entre as meninas que deveriam estar no Ensino Médio.

O problema não é só durante a gestação ou logo após o parto. Mesmo depois de terem seus filhos, a taxa de retorno à escola é bem baixa entre as jovens mães. Para agravar ainda mais a situação, cerca de 40% das garotas que têm filho antes dos 18 anos voltam a engravidar dentro de 3 anos. Complicado, hein?

Disponível em: <<http://brasilsexualidade.webnode.com.br/news/gravidas-no-contrafluxo/>> Acesso em: 25 out. 2013.

Texto 3 – Videogames violentos não criam assassinos

Os videogames matam? Será que a culpa da violência dos jovens na atualidade é por causa da excessiva quantidade de jogos eletrônicos violentos? Não está determinado ainda se videogames violentos conduzem crianças a comportamento sanguinário, mas um novo estudo concluiu que jogos de tiro não transformam garotos em assassinos.

Karen Sterheimer, socióloga da Universidade de Southern California que pesquisa este assunto desde 1999, disse que culpar os videogames pela violência dos jovens é algo muito relevante e deixa de considerar outros fatores importantes que podem claramente influenciar no comportamento do jovem.

"Uma sinfonia de eventos controla a violência", disse Sterheimer, que começou sua pesquisa depois que alguns especialistas atribuíram ao game "Doom" a culpa pelo ataque a tiros contra a Columbine High School, no Colorado, durante o qual dois alunos mataram 13 pessoas e depois se suicidaram no mesmo local, uma cena que chamou a atenção do mundo inteiro, e mais ainda ao saber que tais jovens eram viciados em jogos eletrônicos violentos.

O artigo de Sterheimer, "Videogames matam?", será publicado pela revista Context, da Associação Sociológica Americana, no momento em que a União Européia vem estudando proibir certos jogos violentos e harmonizar as penalidades impostas por seus países membros a varejistas apanhados vendendo esses produtos a menores de idade.

A pesquisa de Sterheimer, que envolve análise da cobertura jornalística e de estatísticas do FBI com relação ao crime juvenil, constatou que nos 10 anos posteriores ao lançamento de "Doom" - e muitos outros títulos de nome violento-, o índice de prisão de menores de idade por homicídios caiu 77 por cento nos Estados Unidos.

"Se desejamos compreender por que os jovens se tornam homicidas, precisamos observar mais do que os jogos que eles jogam... (ou) perderemos algumas das mais importantes peças do quebra-cabeça", disse ela, mencionando violência na família e na comunidade, a alienação causada pela vida nos subúrbios e o menor envolvimento dos pais como outros possíveis fatores.

Sterheimer disse que culpar os videogames inocenta o ambiente em que a criança foi criada e também remove a culpa dos criminosos. "O problema é complicado e merece mais que uma solução simples", afirmou.

Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/videogames-violentos-nao-criam-assassinos.htm>> Acesso em: 25 out. 2013

Texto 4 – Dia da polêmica inútil

O prefeito Gilberto Kassab (PSD) acertou ao decidir vetar o tal Dia do Orgulho Heterossexual, criado pela Câmara Municipal.

A iniciativa tinha um preconceito disfarçado contra os homossexuais. O vereador Carlos Apolinario (DEM-SP), autor da ideia, negou qualquer intenção homofóbica, mas disse que a "a sociedade está acuada diante de tanto ativismo gay".

Ora, não se tem notícia de heterossexuais agredidos covardemente por gays incomodados com sua presença. Tampouco há relatos de homens com vergonha, ou medo de discriminação, por expressar seu afeto por mulheres, e vice-versa.

O mesmo não se pode dizer dos homossexuais, vítimas constantes de ataques nos últimos tempos. A avenida Paulista, antes um símbolo da grandeza da nossa cidade, virou palco de lamentáveis agressões. No interior, um pai foi espancado após abraçar o filho.

As pessoas têm direito de manifestar opinião sobre o que bem entenderem. A liberdade de expressão não deve ser reprimida, desde que nos limites da lei.

Assim como o pessoal pode fazer a Marcha da Maconha, o vereador Apolinario e seus aliados devem ser livres para expressar suas ideias, por mais equivocadas que elas sejam.

Mas criar um dia no calendário oficial é desnecessário. Alimenta uma controvérsia que só ajuda a criar mais preconceito.

A cidade de São Paulo tem vários problemas graves e urgentes. Seria bem mais útil se os vereadores se dedicassem a tentar resolvê-los, em vez de alimentar polêmicas inúteis, para dizer o mínimo.

Disponível em: <<http://www.agora.uol.com.br/editorial/ult10112u959653.shtml>>. Acesso em: 25 out. 2013.

Texto 5 – A greve dos coveiros

A greve dos coveiros em São Paulo, a segunda em dois meses, cria um problema a mais em um momento que já é muito difícil para as famílias.

Não bastasse perder alguém querido, as pessoas ainda são obrigadas a aguardar horas e horas pelo enterro, que acaba acontecendo no improviso. O corpo de uma aposentada que morreu em casa ficou 14 horas no chão da cozinha, à espera de remoção.

Como essa, há muitas outras histórias pela cidade, de gente que teve seu sofrimento ampliado por uma paralisação que pode até ser justa, mas produz um efeito cruel, desumano.

A greve passada, em junho, foi considerada ilegal pela Justiça do Trabalho.

O salário é de fato baixo. Mesmo com abono, chega a R\$ 630. O sindicato que representa os cerca de 1.350 funcionários do setor defende um reajuste de 40%.

A verdade é que um serviço tão essencial como esse deveria obedecer às mesmas regras da saúde e do transporte público, por exemplo. Eventuais paralisações precisam garantir ao menos um mínimo de atendimento.

Felizmente, nesse caso, a Guarda Civil Metropolitana assumiu parte das tarefas do serviço funerário.

Uma assembleia dos funcionários está marcada para hoje. A primeira providência que deveriam tomar é voltar ao trabalho.

Os coveiros têm todo o direito de negociarem condições melhores para seu duro trabalho. Mas não é deixando a população paulistana desamparada em um momento de tristeza que eles vão conseguir apoio para sua causa.

Disponível em: <<http://www.agora.uol.com.br/editorial/ult10112u968483.shtml>> Acesso em 25 out.2013.

Anexo B – Atividades desenvolvidas

Atividade 1 – O contexto de produção

1º) Leia o texto “Proibir publicidade resolve os problemas”? Em seguida, responda as questões abaixo:

- a) Qual é o assunto central do artigo de opinião
- b) Você acha que esse assunto pode gerar polêmica e discussões? Por quê?
- c) É um assunto de interesse da sociedade como um todo ou é um assunto pessoal?
- d) Qual é a posição do autor em relação ao assunto?
- e) Quem é o autor do artigo? Qual a sua profissão? Ele tem algum conhecimento especial para ter escrito esse texto?
- f) Onde foi publicado?
- g) Quem normalmente lê esse tipo de publicação? Ou seja, para quem provavelmente esse artigo foi escrito?
- h) Qual seria o objetivo de um artigo de opinião?
() Informar () Divertir () Influenciar a opinião/ação das pessoas.
- i) Qual a posição do autor a respeito do assunto?
- j) Quais os argumentos usados pelo autor para justificar sua posição?

2º) Em dupla, leiam as questões a seguir e identifiquem quais delas poderiam ser tema de artigos de opinião. Justifiquem a resposta apresentando um argumento favorável e outro desfavorável à tese.

- a) Deve-se proibir ou não o uso de sacolinhas plásticas para carregar compras?
- b) Todas as crianças devem frequentar a escola?
- c) O uso de animais para pesquisa em laboratório deve ser proibido?
- d) A melhor sobremesa: pudim de chocolate ou sorvete?
- e) Qual festa é melhor: Carnaval ou São João?
- f) É saudável comer frutas?

Atividade baseada em: FIGUEIREDO, Laura de. BALTHASAR, Marisa. GOULART, Shirley. Singular e Plural. São Paulo: Moderna, 2012.

Atividade 2

Após a leitura do artigo de opinião “Grávidas no contrafluxo” realize as atividades propostas abaixo.

1º) O que quer dizer “vir no contrafluxo”?

2º) Segundo o artigo lido, quem são as grávidas que estão no contrafluxo? Por quê?

3º) Onde esse artigo foi publicado?

4º) Qual é a profissão e as especialidade do autor no assunto tratado?

5º) Como você já sabe, os artigos de opinião costumam discutir uma questão polêmica de alcance social amplo.

- Qual é a polêmica ou o problema social que motivou o autor a escrever esse artigo?

6º) O autor do artigo expressa sua opinião várias vezes no decorrer do texto e usa argumentos para sustentá-la. Complete o quadro abaixo de acordo com o que está no texto.

Opinião	Argumentos que sustentam a opinião
a) Não é só por causa da questão emocional que a gravidez na adolescência deve ser evitada	Argumento1: Argumento 2: Argumento 3: Argumento 4:
b) A coisa é bem séria	
c) Outro ponto a ser levado em consideração é a evasão escolar.	
d) O problema não é só durante a gestação ou logo após o parto.	

7º) Na atividade anterior, vimos que, para convenceremos alguém de nossas ideias precisamos usar argumentos fortes. Vamos lembrar que tipos de argumentos podem ser considerados fortes? Veja nas atividades a seguir.

- Monte um quadro, relacionando os trechos a seguir com os tipos de argumento.

a) Outro ponto a ser levado em consideração é a evasão escolar. [...]

Um estudo feito pela ONU, com mais de 10 mil brasileiros na faixa etária de 15 a 17 anos, mostra que 56% dos jovens que abandonam a escola são garotas.

BOUER, Jairo. Grávidas no contrafluxo. Disponível em: <<http://brasilsexualidade.webnode.com.br/news/gravidas-no-contrafluxo/>> Acesso em: 25 out. 2013.

b) Outro ponto a ser levado em consideração é a evasão escolar. Pense bem: **se às vezes já é difícil levar os estudos direitinho sem ter que cuidar de um bebê, imagine uma garota que tem de amamentar, trocar fralda, preparar papinha e que não vai conseguir dormir bem porque seu bebê chora a noite inteira!** Sem contar que muitas ficam com vergonha de voltar para a escola depois de terem seus bebês.

BOUER, Jairo. Grávidas no contrafluxo. Disponível em: <<http://brasilsexualidade.webnode.com.br/news/gravidas-no-contrafluxo/>> Acesso em: 25 out. 2013.

c) **Não se pode privar um jovem de informação, seja de que tipo for.** Ele só terá maturidade se for educado para ter uma visão crítica sobre tudo com o que entra em contato, como uma propaganda.

Revista Mundo Estranho. São Paulo, n.95, p.10, jan.2010.

d) Só as adolescentes vêm no contrafluxo. **Para se ter uma ideia, na faixa dos 18 aos 24 anos, a fecundidade caiu de 38% para 34,9% durante os últimos dez anos.**

BOUER, Jairo. Grávidas no contrafluxo. Disponível em: <<http://brasilsexualidade.webnode.com.br/news/gravidas-no-contrafluxo/>> Acesso em: 25 out. 2013.

e) Ninguém questiona que as propagandas abusivas devam ser controladas. A questão é que já há mecanismos eficientes para isso no Brasil. **O Conselho de Autorregulamentação**

Publicitária (CONAR) tem uma resolução que trata do cuidado com o público infantil, e nosso Código de Defesa do Consumidor é um dos mais avançados do mundo.

Revista Mundo Estranho. São Paulo, n.95, p.10, jan.2010.

Modelo

Argumentos	Tipos de argumentos

Atividade 3

Nessa primeira atividade, os alunos serão divididos em grupos para a realização da mesma. As frases estarão em um envelope, cortadas e misturadas para serem organizadas e coladas em uma folha de papel. Os marcadores argumentativos estarão também cortados e separados em um outro envelope. O trabalho consistirá em unir frases soltas utilizando os marcadores argumentativos para a formação de períodos.

As pessoas não deveriam jogar lixo nos rios,	Dessa maneira poluem suas águas.
Devemos ajudar nossos pais quando eles precisam,	A cooperação é um valor fundamental para a convivência familiar
Precisamos trocar diariamente a água dos pratos que ficam embaixo dos vasos,	os mosquitos que causam a dengue ali depositam seus ovos.
O fumo faz mal à saúde.	as pessoas não deveriam fumar.
Quando mentimos podemos perder a confiança das pessoas.	devemos procurar dizer a verdade.
A guerra não é solução para a humanidade.	devemos encontrar modos pacíficos de resolver nossos problemas.
A lição de casa é muito importante para a aprendizagem dos alunos,	o professor, por meio dela, pode ver se eles compreenderam ou não os conteúdos ensinados e verificar se sabem trabalhar sozinhos, longe da ajuda dele.

Paulo não foi o escolhido,	fosse o mais adequado para o cargo.
Tem boa formação e apresenta um bom projeto.	revela pleno conhecimento dos problemas da população.
Não se chegou a nenhuma conclusão importante,	se discutiu o problema central
Todo voto é útil	não foi útil seu voto na última eleição?
Tinha todos os requisitos para ser um homem feliz,	vivia só e deprimido.
A lição de casa é muito importante para a aprendizagem dos alunos,	Os professores devem passar lição de casa.
João é...	Alto... Pedro.
Pedro é...	...João.
Maria está atrasada.	ela nunca chega na hora.
Pedro está de novo sem dinheiro.	é o que acontece com todo estudante que vive de mesada.

Encontrei seu namorado na festa,	ele estava de tênis Adidas.
----------------------------------	-----------------------------

Marcadores Argumentativos
Porque tão... quanto Pois Tão... como Visto que Também Portanto Aliás Logo Tanto que Portanto Ou Já que Mas Embora Nem Além disso

Após a conclusão da tarefa 1, preencha o quadro abaixo completando com os marcadores discursivos. Leia a função de cada um deles que isso ajudará nessa tarefa.

Marcadores Argumentativos		
Relação Discursiva	Formas	Função
Conjunção (Adição)		São argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa, isto é, somam argumentos a favor de uma mesma conclusão.
Contração (Oposição)		Contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias.
Explicação		Introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior.

Conclusão		Introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores.
Disjunção (Alternância)		Introduzem argumentos alternativos que conduzem a conclusões diferentes ou opostas.
Generalização/Extensão		O enunciado posterior expressa uma generalização do fato anterior ou uma extensão da ideia nele contida.
Comprovação		Introduz uma nova fala que acresce uma provável constatação da declaração anterior.
Comparação		Possui caráter eminentemente argumentativo evidenciando, entre o que se compara, uma relação de inferioridade, superioridade ou igualdade.

Para a atividade seguinte você irá observar a relação discursiva, forma e função. Sua tarefa será produzir frases e/ou períodos envolvendo cada um desses marcadores argumentativos.

Marcadores argumentativos		
Relação discursiva	Forma	Função
Especificação/Exemplificação	Por exemplo/como	O segundo enunciado particulariza e/ou esclarece uma declaração de ordem mais geral apresentada no primeiro. <i>Ex. Algumas pessoas tem dons muito especiais, <u>como</u> o médico, a enfermeira, o bombeiro, etc.</i>
Correção/Redefinição	Isto é/ ou melhor/ de fato/ pelo contrário	O segundo enunciado corrige, suspende ou redefine o conteúdo do primeiro atenuando ou reforçando o comprometimento com a verdade do que foi dito. <i>Ex.: Não quero inibi-los, <u>isto é</u>,</i>

		não quero embará-los com mais perguntas.
Gradação	Mesmo/até/até mesmo/ inclusive	Organizam a hierarquia dos elementos numa escala, assinalando o argumento mais forte para uma conclusão. <i>Ex. Não vamos mais ao parque, o tempo está feio, está ventando e <u>até</u> chovendo.</i>
Pressuposição	Já/ainda/agora	São responsáveis por introduzir no enunciado conteúdos pressuposto. <i>Ex.: Multiprocessador você conhece. Agora um multiprocessador que é assim uma Brastemp, esta é a primeira vez.</i>
Restrição	Um pouco/ pouco/quase/apenas /só/somente	Distribuem-se em escalas opostas, isto é, uma delas funcionam numa escala orientada para a afirmação total e o outro, numa escala orientada para a negação total. <i>Ex. Pedro estudou <u>pouco</u> e não passou no concurso. João estudou <u>um pouco</u> e passou no concurso.</i>

Atividade baseada em: PEREIRA, Maria Elisaudia de Almeida. **A construção da argumentatividade em artigos de opinião produzidos por alunos do ensino médio.** *Dissertação de mestrado.* Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC, Fortaleza, 2008.

Atividade 4

1º) Redija duas versões do texto abaixo utilizando os marcadores argumentativos de explicação ou justificativa.

Não consegui tirar meu passaporte nesta semana porque a Polícia Federal estava sem os formulários e sem impressos.

2º) Redija três versões do texto abaixo utilizando os marcadores argumentativos de oposição ou contrajunção.

A polícia conseguiu prender todos os ladrões, mas as joias ainda não foram recuperadas.

3º) Redija três versões para o texto abaixo utilizando outros marcadores argumentativos de conclusão.

Sidney vendeu sua moto prateada, logo só poderá viajar de carro.

4º) Una as orações em um único período, estabelecendo relação de sentido entre elas. Faça todas as modificações que julgar necessárias.

Modelo:

1-Onúmero de mulheres com 35 a 39 anos que continuam solteiras é bem maior agora do que há dez anos.

2-O IBGE fez um censo sobre as mulheres solteiras.

3-Das mulheres solteiras entre 35 a 39 anos, a maioria tem diploma universitário.

4-As mulheres solteiras entre 35 e 39 anos são, geralmente, bem sucedidas no plano profissional.

➤ *O número de mulheres solteiras na faixa etária entre 35 a 39 anos é bem maior agora do que há dez anos, e, segundo censo do IBGE, a maioria delas tem diploma universitário e é bem sucedida no plano profissional.*

➤ *O IBGE fez um censo sobre as mulheres solteiras e constatou que, no grupo entre 35 a 39 anos, a maioria tem diploma universitário e é bem sucedida no plano profissional.*

a) 1-Os jurosubiraram.

2-Os preços estão mais altos.

b)1-O jogo logo começou.

2-Os torcedores acompanhavam ansiosos os lances

c)1-A criança estava febril.

2-Ela tremia de frio enrolada ao cobertor.

d) 1-Foi feito o sorteio da loteria.

2-Desta vez não houve nenhum ganhador.

e) 1-Muitas empresas multinacionais estão decepcionadas com alguns aspectos da nova Constituição.

2-Muitas empresas multinacionais continuarão a investir no Brasil.

3-Muitas empresas multinacionais acreditam no futuro do Brasil.

f) 1- O Rio de Janeiro é o paraíso das confecções.

2-Nem todas as confecções do Rio de Janeiro são importantes.

3-Algumas confecções do Rio de Janeiro são clandestinas.

g) 1- Os países latinos compram 192 milhões de dólares em armamento.

2- O Chile e o Brasil a cobrem metade dos 192 milhões de dólares.

3- Não há evidência de qualquer sinal de corrida armamentista.

h) 1- A porta fabricada pela Matsushita é à prova de arrombamento.

2- A porta fabricada pela Matsushita não tem chave.

3-A porta fabricada pela Matsushita funciona por computador.

Atividade baseada em:

ABREU, Antônio Suárez. **Curso de Redação**. 11ªed. São Paulo: Ática, 2001.

FERRAZ, Mônica Mano. Sobre o ensino de gramática: uso e reflexão nas aulas de Língua portuguesa. In: **Linguística Aplicada à Língua Portuguesa no Ensino Médio: Reflexões teórico – metodológicas**. FRANCELINO, Pedro Farias (org.). João Pessoa:EDUEPB,2011.

Atividade 5

Leia o texto que segue abaixo. Após a primeira leitura, complete com as palavras que estão no quadro abaixo, conforme as relações de sentido que podem ser estabelecidas entre as orações, períodos ou parágrafos. Algumas palavras podem ser usadas mais de uma vez.

Ainda	E	Mais	Portanto
Aliás	Embora	Mas também	Também
Além disso	Entretanto	Por exemplo	Tanto... que
Contudo	Inclusive	Por isso	Somente
Do que			

A história tem sentido?

Discutir o sentido da história tem sido, há séculos, uma tarefa de historiadores, filósofos, cientistas sociais, que continuam a indagar se a história tem sentido. A questão do tempo, _____, embora indissociável da evolução histórica, tem um significado _____ mais amplo, que envolve pessoas, sociedades e instituições preocupadas com a evolução do universo, com o próprio destino _____ nos leva a refletir sobre essa nova onda globalizadora que vive a humanidade, produto de uma grande revolução tecnológica que pervaga o mundo trazendo _____ perplexidades _____ certezas com relação ao século XXI.

_____ os albores deste milênio se caracterizem pelos flagelos de conflitos localizados e o recrudescimento do terrorismo internacional, não se pode deixar de reconhecer que “o sol da liberdade” – de que fala o nosso Hino -, brilha” em raios fúlgidos” na maior parte do planeta; _____ que a liberdade é essencial para a edificação de uma sociedade democrática.

Ao olharmos o mundo, sessenta anos após a constituição da Organização das Nações Unidas, podemos constatar que cresceu, _____ em termos absolutos

_____ em termos relativos, o número de Estados integrantes da ONU que vive sob o regime democrático.

É de se notar _____ que muitas associações interestatais de caráter regional ou sub-regional - _____, União Europeia e Mercosul- têm concorrido para tal objetivo na medida em que inserem em seus estatutos a pedagógica “cláusula democrática” como pré-requisito para ingresso dos Estados nacionais nas respectivas instituições.

_____, as tecnologias da informação estão igualmente contribuindo para o florescimento do intercâmbio entre povos _____ como corolário para a perfusão de valores como liberdade, cidadania e Estado de Direito. Algo, _____, necessário para a construção de uma nova sociedade internacional sob a égide de uma ONU refundada que, respeitando os valores peculiares de cada povo, assegure a liberdade, a paz, a solidariedade, a justiça, “desenvolvendo a consciência comum de serem, por assim dizer, uma família de nações” como preconizou o Papa João Paulo II.

É certo que as instituições políticas, mormente após o adensamento da onda globalizadora, são alvo de crítica generalizada da sociedade contemporânea. As suas práticas são _____ julgadas insuficientes e inoperantes para superar as questões do presente

_____, sobretudo, para apontar os obstáculos do futuro.

_____, não é _____ a política como atividade sob contestação, _____ as instituições econômicas. Se a globalização contribuiu para o avanço do processo democrático no mundo, não há dúvida de que, em contrapartida, sob o ponto de vista econômico, ela ampliou - _____ muito – não _____ a pobreza, _____ a desigualdade social.

Atividade baseada em: PEREIRA, Maria Elisaudia de Almeida. **A construção da argumentatividade em artigos de opinião produzidos por alunos do ensino médio.** *Dissertação de mestrado.* Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC, Fortaleza, 2008.

Atividade 6

Preencha a tabela abaixo colocando sua opinião sobre as questões polêmicas da coluna da esquerda. Em seguida, escreva pelo menos um argumento forte para sustentar sua opinião.

Questão polêmica	Opinião (Tese)	Argumento(s) que sustenta(m) sua opinião	Conclusão
A lei da palmada: os adultos ficam proibidos de impor castigos físicos para educar crianças ou adolescentes. Essa lei deveria ser aprovada?			
Toque de recolher para menores: lei que impõe limite de horário para crianças e adolescentes permanecerem nas ruas à noite. Essa lei deveria ser aprovada?			
Ficar mais de três horas na internet é prejudicial para os jovens?			
A propaganda em programas de TV para crianças deveria ser proibida?			

Atividade 7

Roteiro de revisão

Adequação à proposta	1. Elaborou um artigo adequado a uma questão polêmica e de interesse social? () Sim () Não
	2. Iniciou o artigo com uma contextualização e/ou apresentação da questão polêmica? () Sim () Não
	3. Explicitou a posição assumida? () Sim () Não
	4. Apresentou mais de um argumento para sustentar sua opinião? () Sim () Não
	5. Recorreu a mais de um argumento (autoridade, exemplificação, causa/consequência)? () Sim () Não
	6. Considerou uma posição contrária e refutou-a? () Sim () Não
	7. No fim do texto, retomou a posição assumida ou apresentou uma conclusão? () Sim () Não
	8. Fez uso da linguagem formal? () Sim () Não
Construção da coesão / coerência	9. Utilizou adequadamente os marcadores argumentativos estudados? () Sim () Não

	10. Utilizou adequadamente a pontuação? () Sim () Não
Uso das regras e convenções da gramática normativa	11. O texto está correto em relação às regras de concordância entre as palavras?
	12. O texto está correto em relação à ortografia? () Sim () Não

Anexo C – Textos de alunos

Redator-A1

1ª versão – Artigo de opinião

A minha geração...

Desde sempre, para alguém ser bem sucedido em sua vida é necessário o estudo. É necessária a educação. Educação essa que significa mais do que avançar em certo curso de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Tem em vista o ser todo, durante toda a vida. É o desenvolvimento harmonioso das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Desenvolvimento este que é alcançado, somente, através de um bom aprendizado. Aprendizado que começa desde casa, a escola até à rua.

Para o jovem, em especial, o acesso à educação requer apenas o querer do próprio. Mas veja só... Todo dia o que se vê é o “coitado” do aluno de escola pública reclamar que não gosta de acordar às seis da manhã para ir à escola. Poxa meu! Será que ele já pensou no pai dele? Provavelmente, o pai dele tinha que acordar três horas antes para ir à escola. Provavelmente tinha que andar muitos quilômetros à pé pra chegar na escola. E, provavelmente, esse pai ainda levante às quatro da manhã para ir trabalhar... Estudante reclama de barriga cheia.

Um estudo eficaz requer o mais diligente esforço e constante pensamento. Com o mesmo ardor e persistência como que o mineiro cava para obter o áureo tesouro da Terra. Com certeza, 99% dos alunos que cursam o 9º Ano na escola onde eu estudo não fazem idéia do que seja “áureo”.

Esta é a minha geração. Uma geração jovem, que tem de tudo mas não quer nada. Que não quer estudar, ao contrário, quer matar, quer roubar, quer traficar. 4

Repetindo, uma geração muito jovem, que não quer viver e envelhecer. Quer curtir, bagunçar e morrer de bala na cabeça. 5

C.E06/06/13.

Operadores 5 : e, mas, e, mas, e

2ª versão – Artigo de opinião

A minha geração...

Desde sempre, para alguém ser bem sucedido em sua vida é necessário o estudo. É necessária a educação. Educação essa que significa mais do que avançar em certo curso de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Tem em vista o ser todo, durante toda a vida. É o desenvolvimento harmonioso das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Desenvolvimento este que é alcançado, somente, através de um bom aprendizado. Aprendizado que começa desde casa, a escola até à rua.

Para o jovem, em especial, o acesso à educação requer apenas o querer do próprio. Mas veja só... Todo dia o que se vê é o “**coitado**” do aluno de escola pública reclamar que não gosta de acordar às seis da manhã para ir à escola. Poxa meu! Será que ele já pensou no pai dele? Provavelmente, o pai dele tinha que acordar três horas antes para ir à escola. Provavelmente tinha que andar muitos quilômetros à pé pra chegar na escola. E, provavelmente, esse pai ainda levante às quatro da manhã para ir trabalhar... Estudante reclama de barriga cheia.

Um estudo eficaz requer o mais diligente esforço e constante pensamento. Todavia, o que acontece hoje em dia é bem diferente disso. Enquanto um aluno deseja receber o que o professor tenta passar, um outros está à jogar bolas de papel, outro ouvindo músicas imorais, outro batendo papo enquanto pensa que mamãe e pai durarão para sempre...

Ah, esta é minha geração “maravilhosa”. Uma geração jovem, que tem de tudo, mas não quer nada. Que não quer estudar, quer matar, roubar, traficar... “Estudar? Pra quê?! Quero é curtir, bagunçar e ... morrer de bala na cabeça...”

Operadores 8 : e, mas, e, e, todavia, e, mas, e

Formas 3: e, mas, todavi

Redator-A2

1ª versão – Artigo de opinião

A gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência tem causado muito transtorno entre familiares, a reação de muitos pais são exagerada expulsam de casa, chingam faz muitas coisas erradas no meu ponto de vista os pais devem acolher pois todo mundo erra.

A maioria delas são entre 13,14 e 15 anos, hoje no Brasil, as taxas de gestação nessa fase da vida são preocupantes. Algumas pesquisas indicaram que de cada quatro parto 1 deles é de Adolescente.

A gravidez na adolescência é a única faixa etária que aumentou na última década. Por mais que existam (exista) prevenção muitos jovens não usam e acabam engravidando e a vida muda totalmente muitas jovens pesam(pensam) no aborto, na minha opinião nós jovens não devemos nem pensar nisso pois se não quiser engravidar teria usado preservativo ou pílula anticoncepcionais.

As jovens pensam que quando engravidar na adolescência elas perdem sua vida e a sua liberdade por causa disso muitas entram em depressão pós parto.

Nós jovens devemos pensar 2 vezes antes de fazer qualquer besteira,mas se acontece não pensamos em abortar pois tem uma vida dentro de nós.

Operadores 9 : pois, e, e, e, pois, ou, e, mas, pois

Formas 4 : pois, e, ou, mas

2ª versão – Artigo de opinião

A gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência tem causado muito transtorno entre familiares. Eu acredito sim que a gravidez na adolescência é um problema pois causa mais discussão entre familiares. Os pais expulsam de casa, mas não devem fazer isso pois todo mundo erra na vida.

A gravidez na adolescência é a única faixa etária que aumenta na última década. Cada vez mais as jovens engravidam e perdem a metade de sua adolescência as vezes as jovens nem ligam, deixam nas custas da mãe ou até mesmo abandona.

A maioria delas tem entre 13, 14 e 15 anos, mas a taxa de gestação nessa fase de vida é preocupante.

A maioria das vezes jovens sofrem depressão pós parto e até pode durar anos e anos para se curar e a causa disso a maioria das vezes é causado por discussão ou medo de ser expulsa de casa ou o abandono da família e algumas delas pensam em destruir a própria vida.

Eu acredito que a gravidez na adolescência é um problema sim, mas que podemos evitar, mas não abortando, pois dentro de nós tem uma vida.

Operadores 15 : pois, mas, pois, e, ou, até mesmo, mas, e, e, e, ou, ou, mas, mas, pois

Formas 5 : pois, mas, e, ou, até mesmo

Redator-A3

1ª versão – Artigo de opinião

O uso de Drogas na Juventude

As Drogas estão acabando com os jovens de hoje em dia. Por isso que o uso de drogas é um fenômeno bastante antigo na história da humanidade e de toda a sociedade.

As Drogas tem destruído famílias e mesmo Assim não criam lei, As leis chegam a ajuda pois Um viciado em crack ou em qualquer droga Em vez de ser apreendido são soltos como qualquer cidadão de bém .

Ao entrar em contato com as drogas nesse período de maior Vulnerabilidade expõe-se também a muitos riscos em função do Uso de álcool ou de drogas e a definição do melhor tratamento ainda são assuntos bastante complexo e alvo de muitas discussões.

Os Fatores de riscos para o uso de drogas incluem aspectos culturais, interpessoais ,psicológicos e biológicos São eles: A disponibilidade das substâncias, as leis, as normas Sociais, as privações econômicas extremas.

Operadores 9: por isso, e, e, e, pois, ou, ou, e, e,

Formas 4: por isso, e, pois, ou

2ª versão – Artigo de opinião

O uso de Drogas na Juventude

As drogas estão acabando com os jovens de hoje em dia. Na minha opinião, acredito que os viciados devem ser internados compulsoriamente.

A droga é muito perigosa e se você não tratar logo desse vício você vai sofrer muito no futuro ou talvez até mesmo leva a morte. Por isso, que o uso de drogas é um fenômeno bastante antigo na história da humanidade.

As drogas tem destruído famílias e mesmo assim não criam leis. As leis chegam até a ajudar, pois um viciado em crack ou em qualquer outros tipo de droga em vez de ser apreendido são sutos como qualquer cidadão de bem. Ao entrar em contato com as drogas nesse período de maior vulnerabilidade expõe-se também a muitos riscos em função do uso de álcool ou de drogas e a definição de melhor tratamento.

Os fatores de riscos para o uso de drogas incluem aspectos culturais, interpessoais, psicológicos e biológicos. São eles: a disponibilidade das substâncias, as leis, as normas sociais, as privações econômicas extremas.

Operadores 12 : e, ou , até mesmo, por isso, e, mesmo, até, pois, ou, ou, e, e

Formas 6 : e, ou, até mesmo, por isso, até, mesmo

Redator-A4

1ª versão – Artigo de opinião

Responsabilidade

A maioria das pessoas no Brasil não percebem o que estão fazendo, elas acham que Responsabilidade é só fazer o que querem, a responsabilidade é uma palavra que não se ver em todos os lugares e nem se fala muito que vai assumir aquilo o que deve.

Mas tem muitas pessoas que entendem o que é Responsabilidade mesmo assim da o seu melhor para assumir o que deve ser feito, para muitas pessoas essa palavra ajuda muito no seu dia a dia.

Responsabilidade é aquilo que você promete e deve cumpri, é aquilo que você falha e concerta ,essa palavra deve ser usada em cada coisa que você fizer na sua vida para que no futuro tenha confiança e preconceito com a sua Responsabilidade.

Operadores 5: nem,mas,e,e,e

Formas 3: nem,mas,e

2ª versão – Artigo de opinião

Responsabilidade

As pessoas não percebem o que estão fazendo, elas acham que responsabilidade é fazer o que querem. A responsabilidade não se vê em todos os lugares, tão pouco se fala em assumir aquilo o que deve.

Entretanto, muitas pessoas entendem o que é responsabilidade. Entretanto, da o melhor para assumir o que deve ser feito. Para as pessoas essa palavra ajuda muito no seu dia a dia.

Responsabilidade é aquilo que você promete e cumpri. É quando você falha e concerta. Essa palavra deve ser usada em tudo o que você fizer na sua vida.

Responsabilidade é prometer e cumprir. É chegar na hora. É pensar, e agir.

“Responsabilidade”, é bom ter.

Operadores 5 : entretanto, entretanto, e, e, e, e

Formas 2: entretanto, e

Redator-A5

1ª versão – Artigo de opinião

A saúde precária

A Saúde Pública está um caos no Brasil está sendo tratado com descaso e negligência os impostos altos impedem o povo ao acesso de medicamentos grátis e estão desvalorizando os agentes de saúde.

A população necessita da saúde pública sofre? Espera horas, dias e até anos por um só atendimento médico, o povo na fila, nos corredores dos ambulatórios e postos de saúde em greve.

A população fica perguntando: cadê o dinheiro destinado a área da Saúde, em épocas de eleições são feitas várias promessas mais (mas) nada se vê.

Operadores 6: e, e, e, até, e, mas

Formas 3 : e, até, mas

2ª versão – Artigo de opinião

A saúde precária

A saúde pública no Brasil está um caos. Está sendo tratada com descaso e negligência porque a maioria dos políticos em vez de se importar com a saúde se importam com a Copa do mundo, investem milhões na Copa e a saúde pública está ficando para trás.

Nos hospitais faltam medicamentos, faltam enfermeiros, médicos e por aí vai. Muitas das vezes faltam vagas para os doentes.

A população necessita da saúde pública. Espera horas, dias e até anos por um só atendimento médico, o povo na fila, nos corredores dos ambulatórios e postos de saúde em

greve. A população fica se perguntando: cadê o dinheiro destinado a área da saúde? Em épocas de eleições são feitas várias promessas mais (mas) nada se ver.

Operadores 8 : e, porque, e, e, e, até, e, mas

Formas 4 : e ,porque, até, mas

As Drogas

As Drogas é prejudicial para nossa vida e saúde, afeta não só nós mais(mas) á nossa família também. As drogas pelo o que eu vejo hoje em dia, é fácil sim conseguir, principalmente bebida alcoólica,cigarro ai quem quer ter casa Sua Droga em casa mesmo planta pé de Maconha, quem experimenta a primeira vez é bem alucinante.

Mais(mas) só usar uma vez vicia, porque tem várias quantidades químicas, tem gente que o efeito é tão forte sabe fica bem doidona que acaba tendo um Ataque cardíaco e morre mais(mas) não pensa meu sabe que ofende fais mau muito mesmo, mais(mas) usa assim mesmo !...

Até agente fazendo propaganda contra as Drogas para o povo, a população parar e pensar que a vida pra ser boa não precisa de maconha; e emocionante e boa não precisa disso nós mesmos que fazemos nossos destinos, e muita gente precisa acorda e se consientizar.

As drogas é sim prejudicial para nossa Vida.

Se conscientize.

Diga: não as Drogas!

ou

Diga: Drogas não!

Operadores 11 : e, mas, mas, porque, tão... que, mas, mas, e, e, e, ou

Formas 5 :e, mas, porque, tão... que, ou

Jovens conscientes

Drogas são prejudiciais para nossa vida e nossa saúde. Afeta não só a você, mas sua família também.

As drogas tipo maconha, cocaína, craque e outras pelo que eu vejo em dia sim é fácil conseguir, principalmente bebida alcoólica, cigarro, aí eu penso e questiono quem quer ter em sua casa drogas, aquela plantinha maldita sabe, o pé de maconha, a galera diz que experimenta a primeira vez é bem alucinante .

Mas pense, só usar uma vez vicia porque tem várias quantidades e qualidades de químicas, tem gente que quando experimenta isso é tão forte, fica bem doidona e essa pessoa pode acabar tendo um ataque cardíaco e pode acabar morrendo. Mas não pensa, meu. Sabe que ofende, fais (faz) mau(mal), muito mesmo mais (mas) usa mesmo assim!

Até gente fazendo propaganda, fazendo altedor (outdoor), divulgação para pensar que a minha vida e a sua é muito perigosa e para a vida ser boa não precisa disso, porque nós mesmos fazemos nosso destino, traçamos nossa história e ninguém precisa disso e claro, muita gente precisa se conscientizar e acordar para vida.

Jovens do mundo inteiro, essa dica é pra você:

As drogas é sim prejudicial para nossa vida, se conscientize, sabe. Faça como eu faço, diga não as drogas!

Operadores 10 : e, não só... mas também, e, e, mas, porque, e, e, e, mas,

Formas 3 : e, não só ... mas também, porque

Aborto

Aborto é uma coisa que muitas pessoas são contra mais(mas) algumas pessoas não são, como eu não sou a favor por que(porque) todas as pessoas tem direito de nascer isso era para ser crime isso é como se tivesse tirando a vida de uma pessoa.

A pessoa que esta grávida não ia gostar que quando ela tive-se na barriga fizessem isso com ela, é mais(mas) é assim cada um tem a sua opinião mais(mas) eu sou contra o Aborto.

A maioria das pessoas (mulheres) ou (adolescentes) que abortam são aquelas que são vítimas de estupro e engravidam e não querem ter filho de ato horrível como esse o estupro.

Mais (mas) temos que pensar sempre antes de fazer um ato como esse abortar é uma coisa seria temos que pensar naquela criança que esta no nosso ventre ela merece uma chance de viver. temos que pensar nisso.

Operadores 8: mas, porque, mas, mas, ou, e, e, mas

Formas 4 : mas, porque, ou, e

Aborto

Sou contra a prática do aborto, mais (mas) várias pessoas não são contra essa prática. Exemplo, eu sou contra essa prática do aborto por que (porque) todas as pessoas merecem nascer.

Isso era pra ser crime, a prática do aborto é como se tivesse tirando a vida de uma pessoa, a pessoa que está grávida não ia gostar que quando ela tivesse na barriga fizessem isso com ela, é mais (mas) é assim. Cada um tem a sua experiência, mais (mas) eu sou contra a prática do aborto.

A maioria das mulheres ou adolescentes que abortam são aquelas que são vítimas de estupro (estupro) e engravidam e não querem ter filhos de um ato horrível, mais (mas) temos

que pensar sempre antes de fazer um ato como esse. Abortar é uma coisa séria, temos que pensar na criança que está no ventre, ela merece ter uma chance de viver.

Não acho correto a prática do aborto, temos que pensar sempre na criança que está no ventre da pessoa. Crianças tem direito de nascer e você não pode tirar isso da criança.

Operadores 9 : mas, porque, mas, mas, ou, e, e, mas, e

Formas 4: mas, porque, ou, e

Redator-A8

1ª versão – Artigo de opinião

A maior idade penal

A Maior idade penal no Brasil é de 18 anos. em outros países tem menores que o Brasil como na Dinamarca que é 15 anos na Alemanha e 14 anos na Italia também 14 anos na França 13 anos na Holanda 12 anos na Escocia também 12 anos, e o menor que é a Inglaterra que é 10 anos e outros.

O Índice de violência no Brasil aumenta cada vez mais, os jovens estão cada vez próximo do crime, a cada dia um jovem se deixa levar por um amigo que está envolvido no crime, os jovens são ajudados pela lei e por isso que não se preocupam em se envolver ou fazer algo errado.

Alemanha e a Espanha elevaram recentemente para 18 a idade penal e a primeira cria ainda um Sistema especial para julgar os jovens na faixa de 18 a 21 anos com exceção dos Estados Unidos e Inglaterra todos os demais São considerados pela ONU como países de Média ou baixo índice de Desenvolvimento Humano (IDH) , o que torna a punição de jovens infratores ainda mais problemático.

Operadores 7: e, e, e, por isso, e, e, ou

Formas 3 : e, por isso, ou

2ª versão – Artigo de opinião

Redução da maioridade penal

A maioridade penal no Brasil deve sim ser reduzida, mesmo havendo pessoas que são contra.

A lei da maioridade penal no Brasil foi estabelecida em 1940, onde se considerava jovens com menos de 18 anos “incapaz” , mais(mas) podemos falar isso nos dias de hoje.

Muitos jovens nos dias de hoje se envolvem (envolvem) no mundo do crime deixando (deixando) se envolver (envolver) por pessoas erradas e outros. Muitos jovens considerados “incapaz” pela lei sabem muito bem definir o que é certo (certo) e errado (errado) ainda que digam que não.

Será que os jovens de 1940 tinha o mesmo acesso a informação que os jovens de hoje, os jovens de hoje praticam crimes sem medo por que (porque) sabem que não vai ser punidos como devem, no Brasil a violência entre jovens esta muito alta nas escolas e outros lugares. Por isso deve ser tumada uma atitude em relação a este fato.

Operadores 4 : mas, porque, e, por isso

Formas 4 : mas, porque, e, por isso

Redator-A9

1ª versão – Artigo de opinião

A juventude e as drogas

O uso de drogas está prejudicando muito os jovens, constitui um sério grave na saúde dos jovens.

As vezes os jovens estão com problemas na escola, em casa, com amigos e etc, aí pensam que usando drogas vão se sentir melhor, esquecer os problemas depois eles se viciam começam a vender coisas de casa, roubar para sustentar o vício das drogas.

Alguns ficam devendo dinheiro para traficantes , aí para pagar vão para a rua vender drogas, alguns morrem por que (porque) não conseguem pagar o que deve, quem mais sofre com isso são os pais dos usuários de drogas.

Operadores 2 : e, porque

Formas 2: e, porque

2ª versão – Artigo de opinião

A juventude e as drogas

O uso de drogas está prejudicando muito os jovens, constitui um sério problema na saúde dos jovens.

As vezes os jovens estão com problema na escola, em casa, com amigos, etc. Aí pensam que usando drogas vão se sentir melhor, esquecer dos problemas daí depois eles se viciam, começam a vender coisas de casa, roubar para sustentar o vício das drogas.

Alguns ficam devendo dinheiro para traficantes, aí para pagar vão para a rua vender drogas, alguns morrem pois não conseguem pagar o que deve. E quem mais sofre com isso são os pais dos usuários de drogas.

Para mim, internar é uma das melhores opções, mais (mas) tem casos que eu acho que não precisam internar, tem deles que saem piores que já estavam da clínica.

Alguns ficam revoltados, se sentindo presos e tem até uns que ficam malucos.

Fim !!!

Operadores 5 : pois, e, mas, e, até

Formas 4 : pois, e, mas, até

Aborto na Adolescência

Dentre os motivos que levam um casal de namorados jovens a abortar uma gravidez indesejada, um deles está relacionado ao medo. O medo por ter um filho e ter uma grande responsabilidade, o medo de não ter, após a gravidez, a mesma vida, a mesma liberdade que se tinha antes. O medo de perder a juventude ...

Mas será que, ao invés de ter que abortar um filho, que é um ser com vida, inocente, que não tem culpa da irresponsabilidade dos pais, os casais adolescentes deveriam ser mais responsáveis.

Eles poderiam ter responsabilidade e maturidade usando camisinha e tomando Pirulas.

É tão Fácil comprar um preservativo e ainda mais fácil pegar na farmácia, onde é dado de graça. Porque Apesar delas ser os pais não tem direito de matar um ser humano inocente, mesmo que eles tenham medo que de pra Adoção.

Operadores 8 : e, mas, e, e, ainda, porque, apesar, mesmo

Formas 6 : e, mas, ainda, porque, apesar, mesmo

Aborto na Adolescência

Eu sou totalmente contra o aborto. Não tem nenhuma justificativa para a prática do aborto. O casal deve ter mais responsabilidade e maturidade usando camisinha e tomando pílulas (pílulas). É tão fácil comprar um preservativo e ainda mais fácil pegar na farmácia onde é dado de graça.

Por que (porque) apesar deles serem os pais não tem direito de matar um ser humano inocente.

Dentre os motivos que levam um casal de namorados jovens a abortar uma gravidez indesejada, um deles está relacionado ao medo. O medo por ter um filho e ter uma grande

responsabilidade, o medo de não ter após a gravidez a mesma vida, a mesma liberdade que se tinha antes, o medo de perder a juventude...

Ao invés de ter que abortar um filho, que é um ser com vida, inocente, que não tem culpa da irresponsabilidade dos pais, eles devem mandar pra adoção e não abortar.

Operadores 5 : e, e, porque, e, e

Formas 2: e, porque

O uso das Drogas na Humanidade

O Uso das Drogas na humanidade vai crescendo a cada dia, muitos jovens e adultos estão viciados nas Drogas muitos até morrem por que (porque) não pode deixar mais de usar por que (porque) a Droga avicia muita gente, Existe vários tipos de tratamentos.

As pessoas de hoje em dia a maioria pegam em maconha uma droga muito forte que existe vários tipos de misturas, Algumas pessoas emagrecem ao se aviciar em Drogas as pessoas ficam tão doidas quando Usam que eles fazem muitas besteiras por exemplo elas fazem muitas besteiras por ficarem totalmente drogadas.

Exemplos elas fazem muitos assaltos as vezes capazes até de matar por dinheiro para sustentar seu vício.

Muitos jovens pegam em drogas por que (porque) a maioria ver seus pais ou adultos pegando em drogas e acham bonito e quer pegar também.

No Brasil o número de drogados são muitos auto através das Drogas eles pegam muitas Duenças. Eles pegam tipos de Duenças que não tem cura!

Operadores 8 :e, até, porque, porque, até, porque, ou , e

Formas 4 : e, até, porque, ou

O uso das Drogas na Humanidade

O uso de drogas na humanidade vai crescendo a cada dia. Na minha opinião, é correto todas as pessoas que são viciadas em drogas devem procurar uma internação para poderem se tratar porque a droga é muito perigosa e se você não tratar logo você pode sofrer muito no futuro ou talvez até morrer.

Existe vários tipos de tratamento, as pessoas de hoje em dia a maioria gosta de pegar a maconha, uma droga muito forte que contem vários tipos de substâncias, pois algumas pessoas emagrecem ao se viciar em drogas até as crianças.

A maioria das crianças ou adolescentes são alvo dessas drogas, também elas se viciam em todos tipos de drogas. Os tipos que existem são: cocaína, sigarro (cigarro), maconha, até bebidas alcóolicas são drogas.

Muitos jovens ou adultos são influenciados por aqueles que são usuários, portanto eu acho que todas aquelas pessoas em geral que são usuárias devem deixar as drogas ou fazer tratamentos enquanto é possível porque depois pode ser tarde demais.

No Brasil o número de drogados são muito altos, através da droga você pode pegar muitas doenças (doenças) que pode nem ter cura!

Operadores 10 : e, porque, ou, pois, até, ou, até, ou, portanto, porque

Formas 6 : e, porque, ou, pois, até, portanto

Redator-A12

1ª versão – Artigo de opinião

A Saude Pública no Brasil

O atendimento, onde os pacientes ficam a superlotação são alguns dos problemas enfrentados pelas pessoas que vão para hospitais públicos. No Brasil casos como estes estão ficando cada vez mais comuns Nos Estados Brasileiros.

Na Paraíba tem alguns casos como estes Nos Hospitais Públicos. Quando as pessoas veem esse constrangimento penção logo em irem nos Hospitais Particulares Que acabam ficando lotados também, mas esta certo Que o atendimento nos hospitais Particulares é bem melhor, mais Rápidos etc. Pois é. mais(mas) em comparação sai mais caro do Que imaginamos.

Vemos nas Reportagens , Que alguns dos diretores estão mandando não deixarem entrarem por conta de Que as pessoas estão morrendo nos corredores, sofrendo nos hospitais. também um grande problema e a demora , tem vez Que demora até mais Que imagina, as vezes um mês, dois meses, três meses ! para fazer uma consulta com os médicos e tem vez Que não são atendidos e Quando são atendidos é uma bagunça. São mal atendidos. A saúde no Brasil é comandada pelo SUS.

Por isso e mais coisas as pessoas estão indo Fazer protestos. Nesse ano gastaram milhões e milhões de dinheiro para os estádios.

Operadores 9 : mas, pois, mas, mais... do que, e, até, e, por isso, e

Formas 6 : mas, pois, mais ...do que, e, até, por isso

2ª versão – Artigo de opinião

A saúde no Brasil

O atendimento onde os pacientes ficam e a superlotação são alguns dos problemas enfrentados pelas pessoas que vão ou irão para hospitais públicos. Um dos maiores problemas

que impedem os hospitais de crescerem são os desvios de dinheiro que nesse caso são omitidos pelos governantes. Digamos que o Brasil tem dinheiro para investir, mas por conta disso não haverá crescimento, porém não investem no Brasil, nos hospitais, na educação, nas moradias., etc.

Na Paraíba tem casos como estes nos hospitais públicos. Quando as pessoas veem esse constrangimento elas pensam logo em ir para os hospitais particulares que acabam também lotados. Mas está certo que o atendimento nos hospitais particulares é bem melhor, mais rápido, etc. Pois é, mas em comparação com os públicos, o particular sai mais caro do que imaginamos. Além disso, tem que ter plano de saúde.

O SUS, por sua vez, está tentando mudar essa imagem suja dele e por isso estão querendo melhorar o sistema público de saúde, mas vemos nas reportagens que em alguns hospitais não estão deixando entrarem por conta da superlotação. É, em vez de curar, os pacientes estão morrendo lá mesmo. Isso chega a passar de 1 mês, 2 meses, 3 meses, e às vezes as pessoas nem são atendidas. Podemos melhorar isso, investindo!

Operadores 7: e, mas, porém, mas, e, por isso, mas

Formas 4: e, mas, porém, por isso

Redator-A13

1ª versão – Artigo de opinião

A juventude e as drogas

A juventude de hoje em dia, alguns estão nas drogas. Adolescentes, jovens e também adultos estão se envolvendo com as drogas.

A influência dos amigos, a falta de atenção da família, os desprezo de alguns amigos, influencia muito também, pois eles acham que se envolvendo com as drogas vai preencher o vazio que tem dentro deles.

Muitos dizem que as drogas dá uma sensação de prazer e bem - estar, mais(mas) esse prazer é só naquele momento, pois depois que eles voltam ao normal, aquele vazio ainda está lá. As drogas já matou muitos jovens e adolescentes , pois alguns ficam devendo, e quem deve nas drogas se não pagar, paga com a própria vida.

Os pais e as mães devem dar mais atenção aos seus filhos: dar amor, carinho, escutar o filho quando preciso, pois assim vai preencher o vazio que alguns tem.

Operadores 11 : e, pois, e, mas, pois, ainda, e, pois, e, e, pois

Formas 4: e, pois, mas, ainda

2ª versão – Artigo de opinião

As drogas na adolescência

A internação compulsória das pessoas que usam drogas é muito doloroso para eles, só que vai ser muito bom para a saúde tanto mental quanto a física. Os pais a partir do momento que seus filhos são internados eles devem dar apoio, tentar entender seus filhos, dar amor, dar carinho, atenção.

Os jovens de hoje em dia que se envolvem com as drogas estão perdendo suas vidas muito cedo, pois o caminho que a droga dar é só dois: o cemitério ou a cadeia.

Os amigos nesse momento eles nem sempre ajudam, alguns influenciam para eles usarem drogas. Muitos desses adolescentes que usam drogas, procuram preencher o vazio que está dentro deles, pois a droga dar um prazer momentâneo, mas quando o efeito da droga acaba eles voltam a ter o vazio de antes.

A droga está destruindo a juventude de hoje em dia. Muitas pessoas estão se acabando, pensando que eles vão se dar bem, mais (mas) na verdade só vai prejudicar a vida deles.

Operadores 4 : pois, pois, mas, mas

Formas 2 : pois, mas

Redator-A14

1ª versão – Artigo de opinião

Tráfico de pessoas

Antes o tráfico de pessoas não era muito conhecido mas graças a novela e a investigação de vários policiais conseguiram prender uma boate na Espanha e ainda procuram outros locais iguais a esse.

Começa quando uma pessoa chega até você e lhe convida para ir até a Europa por exemplo e você vai achando que vai trabalhar e ganhar muito quando no fim, no lugar de ter vida boa cheia de luxo, ganhar milhões e no final vai ser Escrava Sexual.

A vida dessas mulheres traficadas não é nada fácil elas são maltratada sofre demais, por que(porque) elas deixam casa, filho e marido em busca de uma vida melhor.

Ameaçam sua vida , sua família você tem duas opção ou fica ou sua família morre.

Por isso é Sempre bom prestar atenção em quem lhe convida para trabalhar fora.

Operadores 10 : mas, e, e, e, e, e, e, porque, e, ou,

Formas 4 : mas, e, porque, ou

2ª versão – Artigo de opinião

Tráfico de pessoas

Nunca devemos confiar em estranhos, nem trabalhar fora ou em outros países sem antes ter certeza de que a empresa ou o lugar seja conhecido ou localizada internacionalmente e tem que verificar se tudo é de verdade.

Antes o tráfico de pessoas não era muito conhecido e graças a novela e a investigação de vários policiais, conseguiram prender uma boate na Espanha e procuram outros lugares iguais a esse.

Começa quando uma pessoa chega até você ou convida para ir até a Europa. Por isso ou você vai achando que vai trabalhar ou ganhar muito dinheiro, vai ter vida boa, cheia de luxo, ganhar milhões e no final vai ser escrava sexual.

A vida dessas mulheres traficadas não é nada fácil, elas são maltratadas, sofre demais e elas deixam casa, filhos e marido em busca de uma vida melhor. Ameaçam sua família de morte, por exemplo. É sempre bom prestar atenção em quem lhe convida para trabalhar fora.

Operadores 13 : nem, ou, ou, ou, e, e, e, e, ou, por isso, ou, ou, e

Formas 4: nem, ou, e, por isso

Brasileiro é trabalhador

O trabalho no Brasil é um cargo muito importante na vida de todos sem o trabalho os brasileiros não ganham dinheiro e nem muito menos experiência.

Nosso país é conhecido pelos seus empregos e oportunidades que muitas empresas dão aos inexperientes, os brasileiros são pessoas trabalhadoras, de garra, Força pois pra eles não importa se o trabalho é fácil ou difícil eles fazem com sucesso.

O povo brasileiro é um povo que não se questiona do trabalho, mais (mas) sim da injustiça pois no meio dos trabalhadores há também preguiçosos que não querem fazer nada, só ganha dinheiro nas custas do trabalhador brasileiro.

O brasileiro sem dúvida alguma é trabalhador e é feliz por ter trabalhos maravilhosos como a medicina, advocacia e por aí vai, os brasileiros é trabalho e ponto final.

Operadores 9 : e, nem, e, pois, ou, mas, pois, e, e

Formas 5 : e, nem, pois, ou, mas

Brasileiro é ou não trabalhador?

O trabalho no Brasil é de extrema importância na vida de todos. Sem o trabalho, o brasileiro não ganha dinheiro nem muito menos experiência. Nosso país é conhecido pela sua falta de emprego e falta de oportunidades que muitos empregos não dão. Por conta disso podemos perceber que sim o brasileiro é trabalhador, pois enfrenta horas e horas na fila de espera por uma vaga de emprego.

Para conseguir chegar ao seu objetivo fazem com amor, pois eles sabem o quanto perseveraram para conseguir um salário e os seus benefícios que os bons empregos trazem.

Os brasileiros são pessoas honestas que não se questionam do trabalho mais (mas) sim da injustiça, pois no meio dos trabalhadores há também preguiçosos que não querem fazer nada, só ganhar dinheiro nas custas do trabalhador brasileiro.

O brasileiro, sem dúvida alguma, é trabalhador e é feliz por ter seu digno salário honesto.

Operadores 8 :nem, e, pois, e, pois, e, mas, pois

Formas 4: nem, e, pois, mas

Preconceito

O preconceito é uma forma de exclusão que exclui pessoas e as rejeita-as como cidadãos por exemplo negros, obesos, deficientes, idosos, nordestinos, e até com as religiões as pessoas tem preconceito.

O preconceito contra o idoso é um absurdo porque um dia aquele idoso já foi um jovem contribuiu para o conhecimento teve uma família seus filhos, enfim esse idoso foi uma pessoa normal como qualquer outra. O idoso é discriminado por várias formas, uma delas é quando o idoso vai pegar ônibus. O motorista olha para ele mas não para só porque é idoso as vezes só porque ele anda devagar para subir ou para descer do ônibus ou só porque ele não paga passagem e sim só mostra a sua identidade .

O idoso não só sofre preconceito na rua ele também sofre preconceito em casa com seus próprios familiares por exemplo batem nele etc. Por isso devemos respeitar esse idoso pois um dia seremos igual a ele e nós velhos não queremos ser maltratados quando chegarmos a velhice.

Operadores 14 : e, e, até, porque, mas, porque, porque, ou, ou, porque, e, por isso, pois, e
Formas 7: e, até, porque, mas, ou, por isso, pois

O preconceito contra o idoso

O preconceito é uma forma de exclusão das pessoas para com outras. Existem vários tipos de preconceito contras negros, obesos, deficientes, nordestinos, discriminam até as religiões dos outros.

Mas para mim, o pior tipo é a discriminação contra o idoso, pois um dia aquele idoso já foi uma pessoa jovem que contribuiu para a sociedade, teve sua família, seus filhos, enfim

foi uma pessoa normal como qualquer outra. O idoso é discriminado de várias formas, uma delas é quando vai pegar ônibus. O motorista olha para ele e passa direto. A maioria das vezes apenas porque o idoso demora a subir ou descer do ônibus. É claro, se fosse uma loira e ela estivesse a 200 metros de distância do ônibus, o motorista esperaria sem pestanejar.

O idoso não só recebe preconceito na rua, recebe também em sua própria casa, os filhos batem nos pais, deixam eles sem comer, até mesmo pagam os asilos, para que fiquem lá pelo resto de sua vida, levando empurrões e sendo maltratados sem necessidade pois deveríamos respeitar os idosos, pois um dia seremos igual a eles e não queremos que nos maltratem.

Operadores 11: até, pois, e, porque, ou, e, até mesmo, e, pois, pois, e

Formas 5 : até, pois, e, porque, ou

As leis não ajudam

Um menor de 18 anos, mata, estupra, é criança e não paga pelos seus atos, passa 5 meses, 1 anos ...

Em uma casa de apreensão de menores que cinseramente só faz lezera, que não vai adiantar de nada, sai pior do que entrou. Isso não ajuda, piora a situação.

Num lugar onde a pessoa muitas vezes mata, estupra, rouba, pagando pode se dizer que não fez nada, isso não é lei é palhaçada. É a mesma coisa de soltar os marginais.

Num lugar onde se invertem as coisas, não pode se dizer que existe “lei”, pois no Brasil é assim, “trabalhadores presos em suas casas pelo MEDO e marginais solto por sua Altoridade”.

As leis do Brasil não ajudam nada é a mesma coisa de chamar todos nos de otarios. As leis deveriam ajudar os honestos e prender os marginais, sem importa a idade, a condição, a lei deveria ser justa e honesta. Porém é mentirosa e corrupta.No Brasil todos tem direitos e não obrigações !

Operadores 8: e, pois, e, e, e, porém, e, e

Formas 3 : e, pois ,porém

As leis não ajudam a quem deveria ajudar

No Brasil, as leis não são eficazes: um menor de 18 anos mata, estupra, porém é “criança” tanto que não paga pelos seus atos. Passa 5 meses, 1 ano...

Em uma casa de apreensão de menores que sinceramente não adiantará de nada, pois não iria fazer tanta diferença no futuro desse jovem. Aliás, sai pior do que entrou.

Num lugar onde a pessoa muitas vezes mata, estupra, rouba, pagando pode-se dizer que não fez nada. Isso é lei? É mesma coisa de soltar os marginais.

Num lugar onde se invertem as coisas, não pode se dizer que existe “lei”. Portanto, no Brasil é assim, trabalhadores presos em suas casas pelo medo e os marginais soltos pela sua autoridade.

As leis no Brasil não ajudam nada, está nos chamando de otários?!

As leis deveriam ajudar os honestos, prender os marginais, sem importância de idade, condição, a lei deveria ser justa e honesta, mas é mentirosa e corrupta. No Brasil, todos têm direitos e não deveres.

As leis do Brasil favorecem demais os menores, ajudam demais os menores, ajudam demais os marginais, e não ajudam os cidadãos de bem.

Operadores 9 : porém, pois, portanto, e, e, mas, e, e, e

Formas 5: porém, pois, portanto, e, mas